

NOS RECÔNDITOS DA  
MEMÓRIA:

O ACERVO PESSOAL DE INEZIL PENNA MARINHO



# NOS RECÔNDITOS DA MEMÓRIA:

O ACERVO PESSOAL DE INEZIL PENNA MARINHO

Silvana Vilodre Goellner  
André Luiz dos S. Silva  
(Organizadores)

Porto Alegre  
2009



*Genese*  
EDITORA

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

N897

Nos recônditos da memória: o acervo pessoal de Inezil Penna Marinho./ Organizado por: Silvana Vilodre Goellner, André Luiz dos S. Silva. / Porto Alegre: Gênese, 2009.

144 p.

ISBN: 978-85-61652-05-0

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título. II. Goellner, Silvana Vilodre, org. III. Silva, André Luiz dos Santos, org..

CDU: 896.13

Ficha catalográfica elaborada por Ivone Job, CRB-10/624

*Gênese*

EDITORA

**Gênese Artes Gráficas e Editora Ltda.**

Rua Carlos Von Koseritz 878/101 - Porto Alegre - RS

Fone (51) 3342.1808

atendimento@genese.com.br

*Preparar para publicação um manuscrito inacabado, ao qual o seu autor não pode dar a última demão, e a que mesmo nas partes que chegou a entregar para datilografar haveria por certo que dar uns últimos retoques antes de o enviar ao prelo, é tarefa delicada e de molde a suscitar muitos escrúpulos. Mas que valem tais escrúpulos em comparação com o prazer propiciado pela revelação de uma tão bela obra – mesmo mutilada?*

Lucien Febvre



## Sumário

Apresentação.....	09
<i>Silvana Vilodre Goellner; André Luiz dos S. Silva</i>	
Nota dos Organizadores.....	18
Parte I – <i>O Homem-Féra</i> .....	21
<i>Inezil Penna Marinho</i>	
Parte II – Comentários da Obra.....	99
Visita ao laboratório do grande cientista moderno, Dr. Hildebrando Martins, criador do homem-féra.....	101
<i>Rita Lenira de Freitas Bittencourt</i>	
Uma história inédita, mas costumeira.....	119
<i>Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues</i>	
Inezil Penna Marinho – Cientista, Filósofo, Literato.....	125
<i>Victor Andrade de Melo</i>	



## Apresentação

Quatro anos se passaram desde o lançamento de uma publicação cujo conteúdo divulgava alguns documentos pertencentes ao acervo pessoal de Inezil Penna Marinho (1915-1987). Em 2005, foi lançada uma “coletânea de textos inéditos”<sup>1</sup> desse professor por ocasião da realização do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, cuja cidade sede, Porto Alegre, também comemorava os 65 anos da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O ano de 2005 foi especialmente significativo, sobretudo, porque um “repertório de coincidências” permitiu rememorar, naquele momento, alguns dos percursos de Inezil Penna Marinho. A realização do XIV CONBRACE e a tentativa de estreitar laços com os países da América Latina e Caribe, por meio do I CONICE, viram-se atravessadas pela figura deste eminente intelectual que, por volta da década de 1940, organizava e participava de eventos que agregavam alguns países pan-americanos<sup>2</sup>. Além disso, a come-

---

<sup>1</sup> GOELLNER, S. V. (Org.) Inezil Penna Marinho: coletânea de textos. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

<sup>2</sup> Apontamos o I Congresso Pan-Americano de Educação Física que aconteceu em 1943, no Rio de Janeiro; o II Congresso Pan-Americano de Educação Física, que aconteceu em 1946, no México; e o III Congresso Pan-Americano de Educação Física que aconteceu em 1950, no Uruguai.

moração dos 65 anos da ESEF/UFRGS possibilitou reconstruir fragmentos da história dessa instituição, fazendo emergir de sua memória a figura de Inezil, reconhecido como um importante colaborador no processo de estruturação e consolidação da Escola<sup>3</sup>. Porto Alegre, cidade palco desses acontecimentos é também o local onde residem Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior, que, desde 2004, têm possibilitado ao Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS a consulta ao acervo pessoal do professor Inezil, bem como lhe cedido vários de seus documentos<sup>4</sup>.

Em um só lugar, em um só tempo, a memória de Inezil Penna Marinho reclama nosso olhar...

Atentos aos seus “chamados”, apresentamos este livro como parte dos resultados de um projeto<sup>5</sup> cujo início data de 2004 e objetiva catalogar a obra

---

<sup>3</sup> Em 1950 foi conferido à Inezil Penna Marinho o título de professor *Honoris Causa* da ESEF/UFRGS pelas grandes colaborações a esta instituição.

<sup>4</sup> Este acervo é composto por, aproximadamente, 60 grandes cadernos tipo brochura cujo conteúdo revela cartas, postais, manuscritos, textos, relatórios, materiais didáticos, teses, etc. A maioria desses documentos encontra-se em bom estado. Alguns cadernos foram danificados pela umidade, outros tantos estão sendo higienizados pela equipe que trabalha no Centro de Memória do Esporte. Há ainda um acervo tridimensional composto por inúmeras placas, medalhas, camisetas, flâmulas, bandeiras, etc. Agradecemos à Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior pela disponibilização do acervo pessoal para consulta. Mais do que disponibilizar, Alice Opala tem nos auxiliado a organizar todo esse material fazendo da sua casa “um lugar da memória”.

<sup>5</sup> Este projeto recebe apoio financeiro da REDE CEDES, do Ministério do Esporte e do CNPq através do Edital Universal 2008.

bibliográfica desse professor bem como restaurar, seu acervo, digitalizá-lo e abrigá-lo para que possa estar disponível, tanto no Centro de Memória do Esporte como por meio de suportes digitais<sup>6</sup>.

O trânsito pelo acervo pessoal de Inezil tem sido guiado pelos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural e das discussões acerca dos acervos pessoais<sup>7</sup>. Esse projeto, que já se encontra em andamento, materializou esta obra que se dedica, especificamente, a divulgar o acervo pessoal de Inezil Penna Marinho por meio de uma face pouco conhecida desse professor, o literato<sup>8</sup>.

\* \* \*

O acervo pessoal de Inezil Penna Marinho encontra-se na residência de Alice Opala e Inezil Penna

---

<sup>6</sup> Algumas fotografias e documentos digitalizados já podem ser consultados no LUME: Repositório Virtual da UFRGS através do endereço <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8992>. As informações coletadas no acervo pessoal do Professor Inezil Penna Marinho serão disponibilizadas na página online do Centro de Memória do Esporte <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/index.html>. Agradecemos especialmente à Bibliotecária Luciane Silveira Soares e à bolsista Thayane Regina Gonçalves, além da Historiadora Leila Carneiro Mattos, da Museóloga Vera Rangel e da bolsista Caroline Canabarro, membros da equipe do Centro de Memória do Esporte, cujo auxílio tem sido de grande importância para construção deste levantamento.

<sup>7</sup> GOMES, A. C. *Escrita de Si, escrita da História: a Título de prólogo*. In: GOMES, A. C. *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>8</sup> Algumas obras literárias de Inezil foram publicadas, a saber: *Oh Grécia: Coroa de Sonetos*, que em 1985 estava na 2ª edição; *Amor e Lembranças: Poesias*, que em 1980 já estava na 2ª edição, entre outros.

Marinho Júnior, mulher e filho com quem o professor viveu seus últimos anos. Acessar seus fragmentos significa entrar naquele domicílio e transitar pelo lugar privado da família.

Desde a primeira oportunidade em que estivemos naquela residência, fomos prontamente recebidos por Alice, que nos encaminhou à biblioteca. Ao adentrarmos aquele espaço, nosso olhar percorreu os livros na busca pelo material organizado pelo professor e de pronto visualizamos uma série de encadernações, cuidadosamente organizada, na parte superior da estante, que abrigava muitos livros. Por um pequeno instante, julgamos ter encontrado o seu acervo pessoal.

Nas brochuras, encontramos recortes de jornais, relatórios, correspondências pessoais, teses, textos pedagógicos entre tantos outros documentos de diferentes naturezas. Nosso primeiro intento foi reconhecer o material que estava diante de nós para, então, operarmos uma organização e posterior levantamento dos dados.

As visitas à casa de Alice tornaram-se constantes em face das decisões necessárias quanto à construção do inventário/catálogo do acervo. O retorno àquela biblioteca e a conversa com a pessoa que há anos preserva este material significou o acesso a algo que está além dos cadernos organizados naquele armário. Fotos, rou-

pas, objetos, manuscritos, cartas e registros sonoros nos permitiram ouvir a voz de Inezil.

A memória desse professor está além de seu acervo pessoal e de suas obras publicadas. Folhear seus livros, ver suas fotos, ler seus manuscritos, conversar com sua esposa e filho e sentir os cheiros de seus rastros foi nos dando a impressão de que, a qualquer momento, Inezil poderia entrar naquela biblioteca. Mexer em seus objetos pessoais, ler suas “declarações de amor” e tocar em sua vida privada elevou o que em nós se chamava respeito em nível de admiração. E é nesse sentido que nos permitimos falar sobre a organização pessoal e íntima de documentos legados pelo professor Inezil.

Entendemos que percorrer seus rastros e torná-los públicos não é tarefa simples. Em muitos momentos, deparamos com o sentimento de estar profanando sua vida particular, afinal, não saberíamos se haveria o consentimento do autor/organizador, em publicar essas preciosidades. O sentimento é de receio, de cuidado e, sobretudo, de respeito. Ainda assim, frente às inúmeras possibilidades de investigação e inebriados pelas sensibilidades gestadas em meio às narrativas históricas, decidimos, juntamente com Alice e Inezil Júnior, correr o risco e abrir as portas de sua casa, dando a cada leitor algumas chaves de acesso às memórias de Inezil Penna Marinho.

Das inúmeras tardes que passamos na biblioteca de Alice, virando e revirando aquela documentação, uma se mostrou especial. No desorganizar dos livros, tentando entender a lógica que Inezil utilizou para construir e organizar parte de sua própria memória, encontramos pequenos cadernos de capas alaranjadas, nitidamente produzidos de forma artesanal. Essas primeiras características já foram suficientes para distinguirmos esses “novos” documentos daqueles grandes e volumosos livros.

Aqueles pequenos cadernos estavam agrupados e envoltos por barbantes, uma menção ao silêncio e à intimidade. Num primeiro olhar, tivemos a impressão de estarmos diante de algo especialmente precioso. Desamarramos com cuidado, apesar da ansiedade por logo ver seu conteúdo. Desfazer aqueles nós morosamente ampliava as expectativas e permitia-nos, por mais alguns instantes, sentir o gosto ambíguo da possibilidade da descoberta, do receio do profanar a intimidade, da dúvida... Revelaram-se diante de nós vários títulos: *Um Romance de Amor*; *Fatos da Vida Real*; *Páginas Íntimas*; *Diário de Quatro Semanas de Amor*; *O Homem-Féra*... novelas, poesias, crônicas e contos. Lançamos à leitura, folheávamos páginas, líamos linhas. As escritas do jovem Inezil<sup>9</sup> nos fascinavam com suas palavras rebuscadas, expressões próprias da linguagem re-

---

<sup>9</sup> Contava entre 16 e 23 anos.

corrente no início do século XX e seus sentimentos explícitos, a maioria deles, de amor.

Despretensiosamente, abrimos *O Homem-Féa*, o interesse foi imediato, e resolvemos ler as primeiras páginas. Sentados no sofá da biblioteca, a leitura foi iniciada, as páginas se seguiram e nem mesmo pausamos para o habitual café oferecido por Alice. O café poderia esperar. A leitura foi-se alternando à medida que o articular das palavras, em voz alta, cedia lugar ao cansaço... Nosso olhar estava hipnotizado. Levantamo-nos daquele sofá quando a última palavra foi lida/dita. Estupefatos, fomos tomar café... *O Homem-Féa* ecoava. Havíamos descoberto mais uma preciosidade que reverberava em nós.

Movidos pela trama vivida pelo Dr Hildebrando Martins, ousamos tornar público aquele pequeno caderno envolto em barbantes e esquecido em meio aos grandes livros organizados por Inezil. Desatar os nós que o mantinham fechado e ler aquele romance/conto tornou-se ainda mais audacioso no momento em que decidimos publicá-lo, convidando os leitores a mergulhar na sua trama. O sentimento de receio aumenta, afinal não estamos somente profanando a intimidade, passamos, agora a divulgá-la. Juntamente com Alice e Júnior, assumimos essa responsabilidade, mas não negamos o conforto de possuímos, agora, inúmeros cúmplices.

Nosso primeiro intento, de posse daquele material, foi produzir um texto comentando a ficção tecida por Inezil, idéia logo abandonada em face do modo como havíamos mergulhado naquele “teatro da memória<sup>10</sup>”. Estávamos e, acreditamos ainda estar, particularmente deslumbrados com os achados do acervo e emocionalmente envolvidos com seus familiares. O tempo de pesquisa ainda é pouco para que pudéssemos produzir um distanciamento necessário para tecermos análises sobre esse conto/romance. Resolvemos, então, convidar pessoas “menos apaixonadas” para exporem suas impressões acerca do “Homem-Féra”. Assim nos detivemos a organizar este livro, almejando possibilitar, minimamente, aos leitores acessarem parte do legado de Inezil. Desse modo, a obra literária *O Homem-Féra* configura-se, aqui, como porta de entrada aos dados contidos naquele acervo pessoal. Apresentar como “primeiro capítulo” um romance inédito escrito pelo jovem Inezil nos encaminha para a dimensão íntima de uma série de documentos e de artefatos construídos, organizados e preservados por uma das mais destacadas, influentes e produtivas personalidades da Educação Física brasileira.

Assim sendo, este livro foi organizado em quatro capítulos: o primeiro traz o texto completo assinado por Inezil, *O Homem-Féra*. Os três capítulos subsequentes tratam de comentários sobre o referido ro-

---

<sup>10</sup> GOMES, 2004, *op. cit.*

mance/conto, cujas autorias são de importantes professores de áreas de conhecimento distintas.

O primeiro comentário intitula-se “Visita ao laboratório do grande cientista moderno, Dr. Hildebrando Martins, criador do homem-féra”, assinado pela professora Rita Lenira de Freitas Bittencourt, cuja construção aborda os aspectos literários do romance/conto. O comentário de autoria de Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues “Uma história inédita, mas costumeira” traça relações com o nosso tempo, refletindo sobre a pesquisa e sobre os comitês de ética. Por último, Victor Andrade de Melo faz uma análise da obra do ponto de vista literário situando o romance na trajetória intelectual de Inezil. Seu texto intitulado “Inezil Penna Marinho: cientista, filósofo, literato” traz ainda reflexões acerca de inquietações observadas, ainda hoje, no cenário da produção e da valorização da pesquisa científica no Brasil.

Feitos esses primeiros apontamentos, convidamos os leitores a entrar neste “teatro da memória” pelas mãos do Dr. Hildebrando Martins, personagem do romance/conto *O Homem-Féra*.

*Silvana Vilodre Goellner\**

*André Luiz dos S. Silva\**

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS; coordenadora do Centro de Memória do Esporte.

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS; professor do Centro Universitário FEEVALE.

## Nota dos Organizadores

O texto que se segue consiste na transcrição do original datilografado, *O Homen-Féra*, de autoria atribuída a Inezil Penna Marinho. O documento original, datado pelo autor de 1938, apresenta-se em formato de “livro” de produção artesanal. A capa e contracapa, de material semelhante à cartolina alaranjada, encontram-se unidas às páginas de papel manteiga por grampos metálicos. As páginas são datilografadas e receberam inserções gráficas (fragmentos de texto, palavras, correções ortográficas, rasuras, entre outras) manuscritas em caneta nanquim, grafite e lápis colorido, deixando os rastros do processo de construção da obra. A transcrição do texto não se propõe “limpar” o material original, apagando as marcas do processo iniciado por Inezil, nem mesmo se autoriza a “acabá-lo”. Assim sendo, tentamos “operar” este texto, assim como o Dr. Hildebrando Martins operou o “Homem-Féra”, deixando à mostra a anatomia que constitui seu corpo. Vísceras, ossos e músculos foram evidenciados pelo médico cirurgião dando idéia de processo e de construção a um corpo inacabado. Nestas páginas tornamos aparentes as rasuras, os enxertos e os apontamentos de Inezil, como o médico do romance, deixamos rastros do interminado *Homem-Féra*.

## Legenda

Inserções manuscritas apresentam-se entre colchetes e com estilo da fonte em itálico: [*O Homem-Féra*]

Rasuras apresentam-se com efeito de fonte tachado: ~~Homem-Féra~~

Palavras indecifráveis apresentam-se entre chaves: {palavras indecifráveis}



O

Homem - Féra

*Ignesil Penna Marinho*  
*R. Machado de Assis, 39. Apt. 312 – 3º andar*

---

*Se este objeto for achado por alguém, rógo o  
bsequio de ser entregue no endereço acima.*

---

---

*Das 18 1/2 às 21 horas – 28 – 0786*

---

## Obras do Autor:

Em Prosa:

[1] UM ROMANCE DE AMOR... (Novella – 1931).

[2] UM AMOR TRAGICO (Novella – 1938).

[3] PENSAMENTOS [*Caleidoscópio*] (Fragmentos de Prosa – 1932/38)

[4] MANON (Novella – 1933)

[5] UM ROMANCE VERÍDICO (Memórias – 1933).

[6] O HOMEM-FÉRA (Novella [*Romance*] – 1933  
1938).

[7] Diário de 4 Semanas de Amôr (Memórias – 1934).

[8] [*Coletanea de*] CARTAS DE AMOR (1934).

[9] CONTOS (1934/1935) [*Lanterna Chinesa (Con-  
tos)* – 1934/38.]

[10] [*Fatos da vida real – (Cronicas)* – 1937/38]

Em Verso:

[11] **SONETOS** (1931/32/33/34/35) [*Castália (Poesias) 1932/38.*]

[12] **POESIAS** (1931/32/33/34/35). [*Páginas Intimas (Poesias) 1932/38.*]

**POEMAS** (1932/33/34/35).

[13] [*Ao Tanger da Lira (Poemas) – 1933/38*]

[14] [*Linhas Retas (1932/38) (Poesias Cubistas)*]

# I

O “Itaubá”, um dos maiores navios fluviais que cruzavam as águas amazônicas, subia lentamente o imenso rio parecendo ter o porão sobrecarregado de fardos, tal a maneira dificultosa por que, com o auxílio das suas grandes e pesadas ródas, vencida [a] compacta massa líquida.

Ha tres dias<sup>11</sup> passára a embarcação por Manáos, término da viagem de um grande número de passageiros<sup>12</sup>. Somente uma meia duzia se destinava a Teffé, ~~fim~~ [e dois outros ao fim] da linha fluvial.

O porão do “Itaubá” parecia cheio de feras, pois, de momento a momento, estridentes uivos e estremecedores rugidos quebravam o silencio reinante, ecoando nas desertas margens que mais pareciam reforçar os extranhos sons.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

O navio ansiosamente aguardado pelos habitantes da cidade, havia chegado pela manhã e descarregava[.] ~~a carga.~~

---

<sup>11</sup> [De Teffé até Manaus mais de 3 dias?]

<sup>12</sup> [?Acre. modificar o itinerário]

Inúmeras jaulas de animais ferózes, com carimbos oriundos de diversas cidades e vindas diretamente de Hamburgo, fôram transportados com extrema rapidez para duas chatas que ali encontravam, há já quatro dias.

Quem quer que, por curiosidade, se houvesse aproximado das referidas jaulas teria lido em diminutas etiquetas:

Dr. Hildebrando Martins  
Estância Josina  
Via Teffé  
Amazonas  
Brasil

Lógo após ~~terminado~~ o acomodamento dos fardos e dos animais, um potente rebocador pôs-se em movimento, arrastando penosamente as duas chatas [*por um dos inúmeros braços da intrincada rede fluvial que por si só constitui o Amazonas, tendo vista às muitas ilhas que dividem suas águas*]

Quatro [Cinco] dias durou essa lentíssima viagem, [\* em virtude de várias paradas] findos os quais as embarcações atracaram a um rude cais, onde quinze robustos nativos, bronzeados pelo sol causticante dos trópicos, descarregaram, somente com o auxílio da força braçal, as pesadíssimas jaulas.

Um homem aparentando cerca de cinquenta anos, tostado pelo sol, trajado de branco e trazendo a cabeça protegida por um capacete de cortiça, dirigia autoritariamente os serviços de transporte.

Era o Dr. Hildebrando Martins, que há vinte e oito anos terminára os estudos da faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, dedicando-se, a princípio, profundamente á microbiologia e mais tarde, com maior interesse, á Anatomia e Cirurgia. Interviera já em delicadíssimas operações tendo sempre obtido lisonjeiros resultados.

Fôra encarregado, quando ainda muito jovem, de chefiar uma comissão destinada a estudos de algumas espécies de mosquitos, hospedeiros intermediários de protozoários propagadores de várias febres que assolavam as regiões [*setentrionais do país*]. [*De volta,*] casára-se no Rio de Janeiro, mas um ano depois morria-lhe a esposa ao nascer de uma linda menina. Desesperado, procurou esconder a profunda magua e ocultar a [*sua*] imensa dor entre os estudos, a êles se entregando por completo.

Profundamente interessado pela cirurgia, iniciou as mais estranhas e curiosas experiências. Assim, com animais de pequeno porte, fez vários enxertos, trócas de órgãos, transmutações de glândulas, etc.

Precisando de espaço e solidão para os estudos de uma sensacional descoberta que abalaria o mundo inteiro, após a morte do pai, de quem herdara uma pequena fortuna, resolveu-se a residir na Amazônia, lugar que já conhecia, tendo, para isso, conseguido do governo estadual uma das milhares de ilhas que pontilham ali a imensidão das águas.

O seu pecúlio fôra todo empregado em construções e benfeitorias na ilha, que, embora se encontrasse há muitas e muitas milhas da aldeia mais próxima, tornara-se confortavelmente ~~habitada~~ habitável.

Quatro anos duraram as construções e dois a montagem dos gabinetes e laboratórios.

A filha, em memória à extremosa mãe, recebêra o mesmo nome, chamava-se Josina. Era tão linda como a falecida e, criada naquelas plagas longinquas, não sabia o que eram o medo e o amor. Viera com um ano, em companhia do pai, e os trópicos lhe haviam bronzeado a cor, embora tivesse azuis os olhos. Desde logo, aclimatada à canícula sempre reinante naquelas paragens, desenvolvera-se rapidamente e aos quatorze anos era já mulher feita. Duas ou três vezes somente, tivera a oportunidade de ver homens brancos que não fossem o pai e o ajudante. Aquele afastava-a, tanto quanto possível, dos trabalhos experimentais, tendo-lhe sido expressamente vedada a entrada

nos gabinetes de pesquisas, que ocupavam uma grande área, ha cerca de tres quilômetros da habitação. Para lá foram dirigidas as jaulas e foram colocadas em logares apropriados, que denotavam, pelo uso já terem alim estado muitas outras anteriores.

Josina, com dezesseis ânos completos, trajando como um rapaz, “culotte” branca e blusa da mesma côr, com curiosidade admirava as fêras, aproximando-se, ás vezes, por demais das jaulas.

Era então advertida pela prudência do pai:

— Josina! Josina! Não te aproximes muito das fêras! É perigoso!

A jovem limitava-se a sorrir, esboçando um gesto despreocupado.

Um belo trigre, ainda novo, chamára-lhe a atenção e nele fixára o olhar, não podendo ocultar a excessiva admiração:

— Que lindo **exemplar!**

O felino impaciente movia-se de um para outro lado, no diminuto cubículo, soltando de quando em vez um nostálgico rugido, como que clamando

pela liberdade roubada. A cauda oscilava nervosamente. Ao cruzar o olhar com o da moça fixou-a de modo estranho, as pupilas dilataram-se e permaneceu imóvel por alguns segundos. Dir-se-ia que os dois se fascinavam mutuamente: [*a bela e a fera*].

— Josina! Josina! Sai daí! - gritou o médico.

Tais palavras retiram a jovem do êxtase em que se encontrava mergulhada e fizeram-na balbuciar:

— Papai, o senhor já viu que belo tipo de animal?

— Já sim, já. É perigoso te aproximares tanto das jaulas; tais animais são traiçoeiríssimos e, quando menos se espera, zás...

Um movimento de braços, conjuntamente com interessante careta, acompanhou-lhe as últimas palavras como para lhes dar mais ênfase e reforçar o sentido.

A jovem sorriu da figura cômica do pai e se afastou numa ligeira e graciósa corrida.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## II

O Dr. Hildebrando encontrava-se no laboratório de pesquisa, vestindo um avental branco [*guardapó*] e tendo as mãos protegidas por delgadas luvas de borracha, completamente absorto pelas experiências.

O salão era bastante amplo e circundado quase todo por estantes e armários que continham de um lado livros, uma verdadeira biblioteca científica e, do outro vidros com animais de pequeno porte, conservados em clorofórmio, órgãos, rins, pulmões, glândulas de diversos mamíferos e uma grande variedade de corações de todos os tamanhos e formatos. Alguns crâneos e esqueletos, nos ângulos da sala completavam a macabra emolduração daquele tétrico ambiente. No centro, um grande número de mesas de operações de diferentes dimensões, por cima das quais aparelhos de raios X. ultra violeta e infra-vermelhos, além de bombas aspiradoras e expiradoras, amedrontariam qualquer pessoa que não estivesse a eles familiarizada. Um pequeno armário de vidro encerrava os instrumentos e ferros necessários às mais perfeitas e meticolosas intervenções cirúrgicas. Contíguo ao grande laboratório havia um depósito, também de avantajadas proporções, logar onde estavam alojadas as feras<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> {Palavras indecifráveis na lateral da página}

Sobre uma das mesas menores de operações, um gato, preso por correias, tinha o peito abérto no qual se denotavam a ausencia do coração. Ao lado numerosos balões, retortas, provêtas e tubos de ensaio encerravam diferentes líquidos, principalmente sangue, que em muitos dos recipientes já se achava coagulado.

No momento, o médico tinha entre os dedos um tubo de pirex que continha sangue coagulado, do qual cuidadosamente êle retirava a parte liquida forma: o serum.

Conseguido isso, dirigiu-se a um dos armários, de onde retirou alguns vidros de exíguas dimensões e um maior contendo citrato de sódio, que, muito cautelosamente, levou à mesa de trabalho.

Após tres horas de labor insano, pesquisas inúteis e misturas muito complexas, a sua fisionomia com que se iluminou, os ólhos fulguraram e uma exclamação lhe fugiu dos lábios;

— Enfim.

Θ Que teria conseguido o grande médico?

Nada mais, nada menos que a sustância química dissolvedora do coagulo do sangue.

O corpo obtido foi misturado ao serum, em determinada proporção, formando-se um líquido vermelho carregado de densidade e propriedades iguais às do sangue arterial<sup>14</sup>.

Θ Que então havia obtido o Dr. Hildebrando?

Nada mais, nada menos do que, a bem dizer, a síntese do sangue, com propriedades rigorosamente iguais às do natural.

Como denominar o novo corpo destinado a revolucionar o mundo inteiro?

Sangue artificial?

Sangue sintético?

Sangue reconstituído?

Tudo isso passou com a rapidez de um relâmpago pela mente do notável sábio.

Uma grande etapa da penosa tarefa estava vencida. Restava, porém, ainda muita coisa a fazer, talvez a parte mais delicada.

\*\*\*\*\* \_ : \_ \*\*\*\*\*

---

<sup>14</sup> [Se tivesse extraído o serum e o restante (coágulo) formado por fibrinogênio, hemácias, leucócitos e plaquetas, não se {palavras indescifráveis} porque lhe faltaria justamente o serum]

Encontravam-se sentados à mesa do jantar o Dr. Hildebrando, Josina e Heitor, auxiliar do médico e candidato ao coração da jovem, que por êle nutria acérrima antipatía.

— Hoje, dei um grande passo nas minhas experiencias, comentou o médico.

— Em que consistiu, papai? — perguntou Josina com a curiosidade aguçada pelo semblante entusiasta do doutor.

— Descobri a substancia capaz de dissolver o coágulo do sangue, conservando intactas as respectivas propriedades. Foram tres horas de incansáveis pesquisas.

A jovem estou um gesto em que transparecia toda a sua imensa decepção e perguntou:

— Papai, e aquele tigresinho, onde está?

O velho, mal podendo dissimular o desapontamento originado pela pergunta descabida da filha e o pouco caso que ela ligava aos seus trabalhos científicos, respondeu laconicamente:

— No alojamento.

— O senhor me deixa ir vê-lo amanhã?

— Não!

— Ah, meu paisinho! Não seja tão mau assim!  
— disse Josina ao mesmo tempo que afagava o rosto do velho.

— Porque te interessas tanto por um animal selvagem?

— Acho-o tão lindo!

O médico pareceu meditar por algum tempo e depois, virando-se para o ajudante, dirigiu-lhe estas palavras:

— Heitor, amanhã acompanha Josina até o alojamento, mas não a deixes se aproximar muito das grades nem permitas que ela entre nos laboratórios.

Houve um momento de silencio e o médico prosseguiu:

— Amanhã também preciso muito do teu concurso, tenho serviços de alta relevancia a fazer... trabalharei com a miosína e com o ácido sarcolático...

Ligeira pausa.

— Após o almoço dissecarás um dos cães que destinei às experiências, mas ~~tenhas~~ [tem] cuidado para não [lhe] afetar o sistema muscular<sup>15</sup>.

— Perfeitamente, seguirei à risca as suas indicações — disse Heitor que até então se abstera de pronunciar qualquer palavra.

Todos aqueles tres seres que se encontravam em torno da mesa da sala de jantar, sentiam-se sumamente satisfeitos. O médico pela descoberta extraordinária que fizera, compensação de vários meses de ininterruptas pesquisas; a jovem pela possibilidade de, no dia seguinte, ver novamente o tigre, pelo qual deveras se interessava, e, por fim, o auxiliar do pai de Josina pelo ensejo que se lhe deparava de poder declarar à fascinante irrequieta moça, a paixão que há muito lhe minava o peito, trazendo-o constantemente preocupado, absorvendo-lhe, por completo, o pensamento durante o dia e roubando-lhe, noites sobre noites, o sono. Os seus castelos cuidadosamente arquitetados, sonhos e ilusões derruíam-se sempre ante a impassibilidade da filha do Dr. Hildebrando Martins.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

---

<sup>15</sup> [Dissecar perfeitamente seus músculos?]

Heitor e Josina caminhavam, lado a lado, pela estreita vereda que ia ter ao alojamento das fêras.

Poucas palavras haviam trocado, as indispensáveis.

A jovem ia à frente, brincando com uma pequena varinha que, de quando em vêz, batia nas bótas, produzindo pequenos estálos. O moço seguia um pouco atrás, não se achava com a coragem necessária para fazer qualquer declaração. Sabia o quanto era a jovem intempestiva e temia ser mal sucedido.

E deste modo chegaram ao fim da caminhada.

Heitor levantou a tranca, correu os ferrôlhos e dos dois entraram.

Alguns rugidos ameaçadores saúdaram os recém-vindos.

Josina encaminhou-se para a jaula do seu felino predileto.

Nunca vi um tigre assim tão lindo!

Relanceou breve olhar sobre os outros animais, inclusivé uma onça e um casal de leões africanos e

voltou a contemplar o felino que ~~he~~ parecia ter [*lhe*] reconhecido, pois ruía baixinho, como que regozijado por tão lisonjeira visita.

Heitor continuára no umbral da pórta, devorando Josina... com os ólhos.

A jovem, não podendo conter a sua infantilidade, aproxima-se da jaula, estende um dos braços através das grades e afaga carinhósamente a cabeça do quadrúpede. O rapaz pressentindo o perigo a que se encontrava expósta a moça, porquanto o tigre, de um momento para o outro, *lhe* podia dar uma patada ou meter as garras, correu-*lhe* ao encontro e, num movimento assás brusco, puxou-a rapidamente:

A féra espantou-se, soltou um rugido estridente e, estendendo o membro anterior, procurou alcançar o rapaz com uma patada, que seria suficiente, na pior das hipóteses, para prostrá-lo desacordado.

A jovem esquivou-se e passando a mão na tranca da pórta, que se achava próxima, desferiu violento e certo golpe que atingiu, em cheio, a pata dianteira do animal, fraturando-*lhe* o rádio ou o cúbito, ou talvez mesmo os dois óssos, tal a violencia com que fôra dada a pancada.

O tigre soltou um estridente rugido e, raivosamente, iniciou um saravada de golpes nas grades e paredes do cubículo. Os varões de ferro, a cada patada, estremeciam continuamente, ameaçando soltarem-se a qualquer instante.

Os outros animais agitaram-se também, abalando o ambiente com poderosos urros.

Josina estática contemplava o desenrolar de todas estas cenas, que se passaram com a rapidez de um relampago.

Heitor segurou a moça pelo braço, reconduziu-a para fóra do depósito, fechou as portas de comunicação com o laboratório, saiu, correu os ferrolhos e passou a tranca na porta principal.

De fóra ainda se ouviam as pancadas desferidas, estremeceadores rugidos e lancinantes uivos de dor, soltados pelo animal ferido.

Josina, reconfortada pela fresca brisa, perguntou, franzindo a tésta, o que denotava a ira de que se achava possuída:

— Porque fez isso? Porque cometeu tal ato de selvageria?

— Julguei que a senhorita estivesse em perigo. A féra podia...

— A féra! A féra! Sempre a féra! Um animal inofensivo!... É claro que se revólte contra as suas inomináveis brutalidades!...

O rapaz achou melhor apaziguar os ânimos e arriscou:

— não será nada! Amanhã poremos os óssos no lugar e faremos, com qualquer tal, um pequeno aparelho.

Éla pareceu acalmar-se com estas palavras e êle se animou:

— Fiz isso porque tenho medo que lhe aconteça a menór coisa; a sua vida me é muito cara.

A jovem olhou-o interrogadôramente, como que exigindo uma imediata explicação.

Heitor continuou:

— Ainda não percebeu que eu a amo? Que a única coisa que me retém aqui nesta solidão, completamete isolado do mundo, é a sua divína pessôa?

Josina fulminou-o de cima a baixo com um olhar ameaçador

O ajudante, porém arrebatado pela eloquência e fascinado pela inebriante beleza da moça, proseguiu:

— Não mais me poderei conter! Não vê que ha dois ânos me venhero curvando ante os seus inúmeros desejos e menores caprichos? É justo que me saiba recompensar.

Isto dizendo, encaminhou-se para a jovem no firme intuito de abraça-la e beija-la.

Josina procurou desvencilhar-se dos mebros que a estreitavam e, num movimento rápido e inesperado, vibrou, com a vara que ainda conservava na mão, uma vergastada com toda a força de seus belos e bem torneados braços, em pleno rosto do rapaz. Êste largou-a louco de dôr e levou a dextra à parte da face atingida.

E disso se aproveitou Josina para fugir.

\*\*\*\*\* \_ : \_ \*\*\*\*\*

## IV

Eram tres horas e [o] Dr. Martins trabalhava na sala de experiências.

Numa das mêsas de mármore acháva-se dissecado [o] cão, tal e qual ele pedira na véspera.

O medico, impacientemente, andando de um para o outro lado da sala, como que a medindo com os passados, monologava:

— Não sei porque razão Heitor não me aparece... Há mais de uma hora que aguardo a sua vinda e nada... Onde terá ido? Daqui a pouco iniciarei os trabalhos sozinho... Lógo hoje que eu precisava tanto dêle...

Consultou o relógio e continuou:

— Tres e meia!... Trabalharei mesmo sem êle.

Unindo a ação às palavras, dirigiu-se à mármorea mesa, onde se achava o animal dissecado.

Inspecionou-o cuidadósamente comentou:

O serviço foi bem feito!

Empunhou uma seringa de avantajadas proporções, com o auxílio da qual extraíu cinqüenta centímetros cúbicos de sangue do animal<sup>16</sup>. Antes que êle coagulasse, decantou-o para dois tubos de ensaio, que, por sua vez, fôram adaptados a um centrifugadôr. Por intermédio da centrifugação o plasma foi separado dos elementos figurados. Depositou a miosina<sup>17</sup>, após ligeiro exame, numa proveta.

— Amanhã trabalharei com a miosina; vamos esperar a sua coagulação...

Precisarei agóra arranjar um meio de eliminar o ácido sarcolático sem causar prejuízos aos tendões e músculos...

As últimas experiências pareciam não ter dado resultados satisfatórios, como demonstrava a fisionomia alterada pela cólera do médico.

Anoitecia quando o doutor Martins se retirou para a residência.

Josina esperáva-o impaciênte, pois ainda não tivéra oportunidade de o ver após o incidente. Meditára durante a tarde inteira e deliberára nada con-

---

<sup>16</sup> [\*Se o animal estava morto (dissecado) não seria possível retirar o sangue com seringa pois haveria coagulado (?)]

<sup>17</sup> [Ver na enciclopédia, miosina.]

tar do sucedido ao pai. Êste entrára acompanhando por Heitor que vinha narrando as ocorrências matinais ao velho, ocultando, naturalmente, a parte amorósa.

E isso no rôsto, o que foi? perguntou o médico notando que a face do rapaz estava inchada e ferida.

— Uma pequena lanhadura, quando me procurei esquivar.

Transpuzeram o umbral da porta, enquanto o diálogo continuava:

— Amanhã irei ao alojamento e porei a perna do animal no aparelho; em tres semanas êle estará bom novamente.

Josina ouvira as últimas palavras do pai e corra-lhe pressurosa ao encontro:

— Papai, deixe-me ir com o senhor! Coitado do meu tigresinho!

— Absolutamente não irás. Já me basta o susto de hoje.

— Deixe-me ir, papaizinho.

— Não insistas! Só digo as coisas uma vez, bem sabes disso.

No dia seguinte, pela manhã, o Dr. Hildebrando e a filha encaminhavam-se para o alojamento das fêras.

O felíno encontrava-se prostrado, tendo a pata pendida para fóra da jaula.

O médico verificou que a fratura não fôra exposta e isentava-se de graves conseqüências

Astuciosamente conseguiu tolher os movimentos do quadrúpede, deixando-lhe livre apenas o membro fraturado.

Duas horas depois, a intervenção realizada com rara habilidade, estava terminada e Josina afagava levemente os pelos da pata do animal.

O pai, segurando-a pelo braço, reconduziu-a à casa, retornando após ao gabinete de trabalho, onde continuou as pesquisas.

Dois meses se tinham passado, sem acontecimentos de maior monta.

O Dr. Hildebrando havia prosseguido nas experiências e já conseguía, com auxílio de certa mistura em que um dos principais agentes era o glicogênio<sup>19</sup>, absorver, sem lesão orgânica, ou prejuízo de qualquer outra natureza<sup>20</sup>, o ácido sarcolástico retido nos músculos.

Consequía também um solvente da miosína e, para esse fim, trabalhára dia e noite durante duas semanas a fio.

Iniciáram-se então os trabalhos elétricos, afim de saber qual a carga, e por que meio deveria ser produzida, capaz de impressionar satisfatoriamente o sistema nervôso.

Vários animais tinham sido sacrificados e as prateleiras das estantes e armários achavam-se enriquecidas pela presença de vários cérebros, cerebêlos, medúlas, etc.

---

<sup>18</sup> [Fazer um capítulo sobre o {palavra indecifrável} – transfusão de sangue]

<sup>19</sup> [O glicogênio é em última análise o próprio ácido sarcolástico antes de ser queimado nos músculos (vide metabolismo do {palavras indecifráveis})]

<sup>20</sup> [623 - ] [Pag. 263 – Zoologia]

Primeiramente, médico e ajudante estudaram o local onde deveria ser aplicada a descarga e, depois de algumas próvas experimentais, a medúla espinhal, nas circunvizinhanças do buraco occipital foi o ponto escolhido.

A seguir conseguiu o Dr. Martins a quantidade de electricidade rigorosamente necessária ao funcionamento do sistema nervôso.

Fôra levada de vencida a parte mais importante da sensacional descoberta que abalaria profundamente o meio científico dos cinco continentes do planeta.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

Josina durante o decorrer desses dois meses, evitára, tanto quanto possível, o auxiliar do pai e diariamente ia visitar o tigre, que denominára de Rajah. Tomára-lhe uma extraordinária afeição, no que era retribuída pelo felíno. Tratava-o como a um animal doméstico e, por várias vezes, insistíra com o pai para que deixasse a fera viver na habitação. O velho nem por sombra acedera; não via tal amizade com bons ólhos, pois bem sabia que o animal, num dia em que esse encontrasse mal-humorado ou irritado, poderia ocasionar qualquer acidente de conseqüências imprevistas.

Heitor, após o incidente – que o marcára para o resto da vida, porquanto a vergastada lhe deixára no rôsto uma cicatriz comprida e oblonga, ou melhor, um sulco – começou a devotar profundo ódio à jovem e á féra, principalmente à esta última e, sempre que podia, vingava-se de modo mesquinho. O seu ódio era surdo e pelo semblante não se lhe transparecia gota alguma da venenosíssima peçonha de que estava pleno o âmago de seu coração.

Foi, portanto, com o maior prazer, um contentamento indescritível, que ouviu do médico as seguintes palavras:

Para a semana iniciaremos a fundição dos tubos de platína destinados aos ligamentos as artérias e veias do aparelho circulatório do paciente às do coração do animal... Aproveitarei estes dias para obter os diâmetros interiores e exteriores...

Ligeira pausa.

— Estou com desejos de sacrificar, para a mais monumental das minhas experiências, o Rajah...

Os olhos de Heitor fulguraram extranhamente e o médico, sem de nada se ter apercebido, prosseguiu:

— Não vejo com bons ólhos a amizade de Josina por tal féra... Assim, acabar-se-á tudo lógo de uma vez... Estaremos livres dessas preocupações... Outros assuntos muito mais importantes, nos prendem por compléto a atenção...

Bréve silencio.

— Não lhe diga nada a respeito desta minha deliberação, senão virá lamuriar-se e desejo evitar tais cenas sempre desagradáveis.

Trocaram mais algumas palavras e, como já fosse tarde, encaminharam-se para os respectívos aposentos.

Heitor achava-se preso de extraordinária agitação. Passou parte da noite a meditar e a delinear o esbôço do plano de morte do felíno, plano esse que se revestia da mais requintada crueldade.

Na semana que se seguiu, iniciaram-se os trabalhos de fundição.

Os primeiros tubos a serem produzidos tinham os diâmetros da aórta e da artéria pulmonar. Eram constituídos por delgadíssimas lâminas platínicas e rigorosamente cilíndricos, possuindo, em média ~~cin-~~  
co [dois] centímetros de comprimento.

A seguir, foram fundidos os tubos destinados às veias cavas e pulmonares.

Concluídos tais trabalhos, encerrou-se a parte experimental.

Restava, porém, a cirúrgica, onde repousaria toda a habilidade a sapiência do notabilíssimo médico.

Opúnha-se-lhe, no entanto, uma enorme dificuldade: a ausência de um dos pacientes destinados à delicada operação.

E era preciso aguardá-lo...

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## VI

Desd'a a véspera que se ignorava o paradeiro do capataz da estância.

Entrára êle para o serviço há cerca de uma semana e vinha se desempenhando das divérsas obrigações e inúmeros afazeres a contento geral.

Era um rapaz de fisionomia atraente, aparentando de vinte e dois a vinte e quatro ânos, de largas espáduas dotado de extraordinária fôça muscular, enfim, um bélo exemplar da espécie humana.

O Dr. Hildebrando, apreensivo ordenára uma rigorosa busca por toda a ilha e, findas duas horas, estavam os expedicionários de volta, trazendo, em maca improvisada, o cadáver do inditoso moço.

O médico aproximou-se, tomou o pulso do capataz e verificou que o corpo estava já sem vida, embóra não soubesse a causa mortis.

— Levem-no para meu gabinete de operações. Talvez ainda o consiga salvar.

— Já morreu! ponderou um dos cabôclos.

— Não importa, dar-lhe-ei vida nova.

Os quatorze trabalhadores entre olharam-se aparvalhados sendo patente o terror que se estampava nos semblantes daquêles rudes homens.

— Levem-no, não me ouvem[?] ordenar?

Quatro dos nativos adiantáram-se, suspenderam a padióla e se encaminharam na direção dos laboratórios.

Os restantes se retiraram comentando o fáto sob os mais pitorêscos aspéctos: alguns alegavam que o doutor tinha pacto com o Sacy, outros que era um bruxo, terceiros que tinha vendido a alma ao Satanaz e outras banalidades comuns ao espírito ainda não completamente evoluído da gente sertaneja.

— Heitor! Heitor! Heitor! gritou o médico.

Alguns instantes após o auxiliar surge e o pai de Josina comunica-lhe o ocorrido.

Seguem os dois para o gabinete e quando lá chegam já encontram o morto e os quatro transportadôres.

A um sinal do doutor os cabôclos retiram-se e os dois conduzem a maca, colocando o corpo *na [sobre]* a outra mesa, grande de operações.

O cadáver é *[foi]* rapidamente despojado das vestes e *preso à mesa por sólidas tiras de couro*.

Traze com muita cautêla o tigre e amarra-o à outra mêsa; *tenha [tem]* cuidado, prende-o *[fortemente]*, porque do contrário nos aborreceremos com ele. Enquanto isso procederei *o [ao]* exame da causa mortis.

Heitor passou-se para o alojamento e o doutor acercou-se do morto.

Notou que não apresentava ferimento algum e, após proceder minucioso exame, verificou, no tornozelo da vítima, leve picadura, em volta da qual um congestionamento demonstrava que o veneno injetado fôra assás violento<sup>21</sup>.

— Picada de algum ofídio venenosíssimo... Alguna urutú ou surucucú... Se eu conseguisse extraír as toxinas... seria ideal... A morte se déve ter dado há dez ou doze horas... O sangue e a miosina já estão coagulados...

---

<sup>21</sup> [A picada de cobra real deixa apenas uma ligeira ferida porém o membro todo se entremesse, {palavra indecifrável} ás veias periféricas anestesiadas]

Um terrível rugido veio quebrar o solilóquio do médico.

— Θ Que estás fazendo aí, Heitor? Anda com isso! O rapaz morreu de u ma picada de cóbra.

O pai de Josina voltou novamente a atenção para o exame que fazia.

Nêste íterim, o ajudante surge com [o] tigre; havia conseguido atar-lhe as patas dianteiras e trazeiras.

O felíno de vez em quando, agitava-se, procurando, inutilmente, se desprender das ataduras, que lhe tolhiam todo e qualquer movimento.

O médico ajudou Heitor a alojar a féra na mesa grande; em seguida, passarám-lhe os algumas correias pelo dôrso, soltândo-lhe os mêmbrs anteriôres e prendêndo-os separadamente nas alças laterais. Do mesmo módo procederam com os posteriores.

O tigre havia fixado ameaçadoramente as pupílas no auxiliar, que no momento, lhe votára as costas.

O Dr Hildebrando encaminhou-se para a mêsa menór e ordenou:

— Traga[ze] a caixa de fêrros, os tubos e as seringas.

Heitor trouxe o que o médico pedíra.

Vêja-agora os preparados solventes da miosína e do coágulo e o absorvedor do ácido sarcolático.

Iniciaráram-se então os trabalhos para única operação do gênero.

Várias vezes foram, no corpo do infeliz capataz, ingeridas as mais complexas substâncias químicas, até então conseguidas pela ciência.

Havia escurecido, mas o Dr Martins não desejava abandonar as pesquisas porque, se o fizésse, estaria todo o trabalho irremediavelmente perdido.

— Mande[a] um dos empregados avisar [a] minha filha [de] que pernoitaremos aqui.

O ajudante retirou-se para cumprir as ordem, enquanto o médico monologava:

— O ácido já foi absorvido... A miosina e o coágulo dissolvidos... o que me perocupa é estar o

sangue intoxicado... Não possúo meios de extrair as toxínas... Acórre-me uma idéa monumental...

Heitor regressava nesse momento e o doutor, virando-se, disse-lhe:

— Tra[ze] uma das provêtas graduadas.

Começou então uma sangría que perdurou por algumas horas.

O ajudante não percebia os intentos do médico e arriscou:

— O senhor vai extrair todo o sangue?

— Certamente, pois está intoxicado.

— E depois?

— Injetarei a mêmua porção do sangue artificial, do sangue sintético conseguido pelo mais notável dos cientistas modernos: o Dr. Hildebrando Martins.

— E dará resultado?

— Acaso já não está mais do que provado que os seus estados físicos e químicos são rigorosamente semelhantes aos do sangue arterial?

Iniciaram então a injeção do sangue artificial, em quantidade idêntica a que haviam retirado, findo o que o médico observou:

— É necessário não permitir a coagulação e, para isso, ~~você~~ ficará[s] encarregado de ministrar-lhe uma porção de citrato de sódio... De[á] me um estilête.

Em pouco tempo, o cadáver apresentava dois extensos e profundos golpes, um transversal e outro longitudinal, como que formando uma cruz na região epigástrica.

As veias cavas, a artéria pulmonar e a aorta foram presas, alguns centímetros acima do órgão propulsor, por pinças apropriadas e imediatamente cortadas.

Retirado o coração inerte foram adaptados os tubos metálicos.

Faltavam só os trabalhos referentes à féra e o médico encarregou o auxiliar de iniciá-lo, enquanto ia à casa, afim de sossegar a filha, pois já amanhecia<sup>22</sup>.

\*\*\*\*\* \_ : \_ \*\*\*\*\*

---

<sup>22</sup> {Palavras indecifráveis na lateral da página}

## VII

Heitor, aproveitando a ausencia do médico, tratou de executar prontamente o que este lhe pedira, mas de que modo...

O tigre fazia inaudítos esforços para se livrar, porém... as correias eram bastante sólidas.

O auxiliar aproxima[ou]-se da mesa, com o estilête na mão e, a bailar-lhe nos lábios, um perverso sorriso em que transparecia toda a mesquinha vingança e o acérrimo ódio nutrido contra a féra.

— Agora me pagarás! Sofrerás o que jamais animal algum sofreu!

Isto dizendo, começou a aquecer um ferro até torna-lo rubro e, aproximando-se do felino, encontrou-o na pata que pendia para fóra da mêsa. Um chiado anunciou a carbonização da carne do quadrúpede, que soltou um uivo de dor.

O ajudante do médico começou então, a se divertir com o sofrer da féra, fazendo-a soltar rugidos estremecedores cada vez que punha a sua carne em contácto com a brasa.

O tigre escumava; as pupilas achavam-se muito dilatadas e com um estranho brilho foforescente. Contorcendo-se de modo terrível na mesa de mármore, as correias esticavam, estalavam, mas resistiam aos embâtes de felíno enfurecido.

— Vou iniciar os trabalhos, senão o doutor poderá desconfiar [, *monologou*]

Uma nova tira de couro foi passada pelo pescoço do animal, impedindo-lhe os movimentos da cabeça.

Heitor desferiu um profundo golpe nas proximidades do externo, do qual começou o sangue a jorrar em abundancia, porém, o auxiliar, cuidadosamente, estancou a hemorragia.

O quadrúpede permaneceu imóvel, imerso em completo torpor.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

O médico regressa∇[r]a ao gabinête; havia estado com a filha e desanuvirá-lhe os pensamentos por demais carregados de inquietações.

Josina se oferecera para acompanhá-lo, sobraçando uma cesta de víveres, mas chegando às circunvizinhanças do laboratório, o pai a fizera voltar, avisando-a de que talvez só regressasse no dia seguinte.

— E quando irei ver meu Rajah? — indagou a jovem.

O velho hesitou e, por fim, tartamudeou:

— Lógo que eu terminar as minhas experiências.

— Ha tres dias que não o vejo.

— Vá[i] para casa e fique[ca] bem quiétinha, observou o pai, correndo, afagadoramente os dedos pelos cabelos da joven.

Apartaram-se e, após alguns passos, o médico entrou no laboratório, aproximou-se do Rajah e notou queimaduras, nada, no entanto, dizendo.

A seguir uma ligeira inspeção, perguntou:

— Foi tudo bem, não?

— Otimamente, o melhor possível.

O médico, após rápida ablução, vestiu o avental, calçou as luvas de borracha e ordenou:

Vêja os grampos de platina.

Deu uma injeção anestésica no animal e aguardou o efeito, que não tardou muito.

Com o auxílio de pinças observou se o golpe fôra bem dado, constatando um resultado satisfatório.

— Aproxima a outra mesa e prepara a máquina pneumática.

O médico, com um cuidado meticolosíssimo, ajustou os grampos às veias e artérias procedentes do coração do Rajah, imediatamente cortou-as e, num movimento assás rápido, adaptou-as aos tubos de platina, na cavidade torácica do cadáver.

Foram lógo retirados os grampos, continuando o coração do felíno no seu funcionamento, o que fez com que o sangue começasse a circular.

Alguns rápidos retoques na colocação dos tubos deram por terminada esta parte preliminar da vida artificial, prestes a ser lançada entre os povos civilizados.

— Veja a bomba! A bomba! A bomba! A circulação diminúe! O sague venôso! Todo o meu trabalho perdido! A bomba! Veja a bomba! A bomba! — bradava desesperado o médico.

Heitor que acabára de aprontar a máquina, levou-a ao doutor que introduziu o tubo de caucthu na boca do paciênte.

Começou, então, a ser feita uma respiração artificial que parecia surtir os efeitos desejados.

— Continúe[a] a acionar a bomba enquanto me entrégo aos trabalhos elétricos.

O auxiliar fez o que o superior lhe ordenava e o médico começou a graduar, nos complicadíssimos aparelhos, a carga; após alguns minutos parecia ter terminado tal serviço.

— Aonde puseste a agulha?

— Nas caixas das seringas.

Houve um momento de absoluto silêncio.

— Tóca a bomba com mais força vou efetuar a descarga.

A agulha do aparelho atravessou a epiderma do paciente, atingindo a medúla espinhal. O médico ligou o comutador elétrico e o corpo, inerte na mesa, agitou-se freneticamente. A ponta metálica foi retirada e o local onde havia penetrado ficou assinalado por uma gotícula de sangue.

— Retire[a] a máquina e vejamos se a respiração já se efetua por si mesmo.

A bomba foi desviada e, com o maior contentamento, verificaram que o peito arfava.

— Êle respira! Êle vive! — exclamou o médico num sôpro quasi imperceptível.

Naquela ampla sala só se ouvia o resfolegar da respiração aflita dos dois homens.

O pai de Josina tinha os olhos esbugalhados contemplando a sua monumental obra.

Heitor quebrou o silêncio balbuciando:

— O senhor não vai [fechar?]

O médico pareceu voltar à acostumada fleugma e determinou?

Traga[ze] o ffo.

Rapidamente foram, então, costurados os dois golpes.

Creio que êle permanecerá inérte ainda, no mínimo por dez horas.

— E o que faremos do corpo do tigre?

— Esfolarás com o devido cuidado, pois inevitavelmente possui uma raríssima pele. Prepare[a] os ossos que, quando estiver com mais tempo disponível, montarei o esqueleto... Pódes iniciar os seus serviços no próprio alojamento das feras; enquanto isso, darei uma injeção fortificante na mais maravilhosa concepção humana.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## VIII

— Papai, e o meu tigresinho? Amanhã irei vê-lo.

— Tenho uma péssima notícia a dar-te.

—  $\Theta$  [Q]ue foi, papai? Terão morto o meu querido Rajah?

— Sim, ~~morreu~~, era preciso. Tem paciência, minha filha; terás, em compensação a pele dêle que é linda. Mandeí esfola-lo.

— Póbre do meu Rajahsinho! — comentou a moça com os ólhos marejados de lágrimas. — Enquanto não o mataram não sossegaram!

E virando-se para o pai:

— Porque o sacrificaram?

Os ólhos do sábio faiscaram e, num arroubo, exclamou?

— Para a concepção da maior obra que o homem já produziu!

A jovem extranhou o semblante alterado do médico e perguntou:

— Que óbra, papai? Que óbra?

O velho dominou-se e murmurou entre os dentes:

— Mais tarde quando o nome de teu pai correr de boca em boca, balbuciado com respeito, saberás.

Josina não mais insistiu, limitando-se a indagar:

— E o capataz? Salvou-o?

— Creio que sim.

— Não o cheguei a ver, mas disseram-me que já parecia morto, porquanto estava rígido.

— É verdade!

Isto dizendo, o doutor levantou-se, pôs o capacête de cortiça e dirigiu-se para o gabinete.

— Heitor, podes descansar. Vigiarei o paciente.

O ajudante, se se fazer de rogado, retirou-se daquêlê salão herméticamente fechado, onde o bafío de drógas, ingrediêntes, etc, se fazia sentir bem fórte<sup>23</sup>.

O médico rapidamente enfiou o avental e acercou-se da mêsa.

— A respiração continúa normal... Vejamos a pulsação... Parêce-me muito elevada... ~~como, porém, diminuí-la?... É completamente impossível...~~

Deu algumas voltas pela sala com o queixo apoiado em uma das mãos parecendo meditar.

Reiniciou, então o solóquio:

— Terei de conserva-lo aqui até retirar os pontos, do contrário o golpe poderá reabrir... Mas com que o alimentarei?... Dentro de três horas, o mais tardar, cessará esta vida latente... Aguardemos...

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

Um estálido fez o médico voltar-se.

O côrpo do cabôclo tremulava quasi que imperceptivelmente.

---

<sup>23</sup> [Sala de operações clara e ventilada]

O doutor aproximou-se e viu que as faces do capataz, até então pálidas, estavam levemente coradas.

Um pequeno movimento ciliar advertiu-o de que o indivíduo iria descerrar as pálpebras. O pai de Josina estava com a atenção completamente concentrada nos olhos do paciente. Êste abriu-os e fitou o médico, que lhe perguntou:

— Como se sente? Deseja alguma coisa?

Os olhos do capataz brilharam, mas a sua boca nem ao menos se entreabriu.

— Como se sente? Como se sente?  $\Theta$  [Q]ue tem? Dóe-lhe alguma coisa?  $\Theta$  [Q]eu sente?? gritou com impaciência o doutor Hildebrando.

O indivíduo fez um terrível esforço para balbuciar algo, mas pelos lábios apenas lhe passou uma tremulação.

— Co'os diabos! Terá perdido a fala?... Nem nos lembramos do aparêlho fonador! Maldição!... Eis parte da minha obra derruída!... Como poderei saber o que sofreu, o que sente, o que pensa, qual as suas recordações?...

Mais algumas imprecações fora vociferadas e, em seguida, o médico desatou as correias que prendiam os membros do ex-cadáver, conservando sómente as duas que o enlaçavam pelas bacias.

O indivíduo levou as mãos à região onde haviam os pontos e procurou erguer-se para vê-los.

Faltáram-lhe, no entretanto, as forças e caiu pesadamente na mēsa.

— Antes de tirar os pontos só lhe poderei ministrar alimentos líquidos... O aparelho digestivo ainda tem as funções muito reduzidas... Sómente daqui a quinze dias lhe poderei retirar os pontos... Como, porém, alimenta-lo?...

E repetiu a pergunta inúmeras vêzes.

Pareceu, por fim, lhe ter surgido qualquer coisa à mente, pois bateu, com a pancada sêca na tésta, exclamando:

— Como ainda não me havia lembrado disso?... Parece até impossível! Sim, senhor! Parece até impossível! Como eu ando abstrato!...

$\Theta$  [Q]ue teria acudido à memória do notável médico?

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## IX

Quinze dias decorreram rapidamente, para os atribulados habitantes da Estância Josina.

O Dr. Hildebrando Martins encontrava-se no laboratório com Heitor.

— Hoje retiraremos os pontos, mas ainda o conservaremos na mesa por tres dias, em observação... É pena que não pôssa falar... Haveria de nos contar coisas por demais interessantes...

— É mêsmo um pena êle ~~ser mudo~~ [*ter ficado mudo.*]

O médico esboçou um gesto displicente, como que se isentando de qualquer culpa, cortou o fío e, com o auxílio de pinças apropriadas, puxou-o.

— Está quasi concluída a minha óbra... Dá-lhe uma espetadela para ver se é capaz de sentir dor.

O auxiliar fez o que o médico ordenára, enterando nas carnes do ex-morto, completamente, a agulha.

Um verdadeiro uivo repercutiu entre as quatro paredes, ao mesmo tempo que Heitor a retirava.

— O sistema nervoso está funcionando ótimamente. Observemo-lo por mais alguns dias... ~~Você~~ já ~~concluiu~~ [*Já concluíste*] o trabalho com o tigre?

A péle já foi pósta ao sol para secar e os óssos estão inteiramente limpos.

— Amanhã começarei a montar o esqueleto. Em menos de dois dias estará tudo concluído.

O capataz, se assim ainda o poderemos denominar, acompanhava atentamente, com o olhar, os menóres movimentos dos operadôres.

— É preciso mandar buscar, para a lavagem, os aventais, lençóis e cobertores sujos com as últimas experiências e operações.

— Estão no depósito do alojamento.

Va[*i*] busca-lo e mande[*a*] um dos empregados levar à casa.

O auxiliar cumpriu o que o médico ordenára, trazendo, sob os braços, uma enórme trouxa que pretendia depositar no limiar da pórtá.

Fôra, porém, infeliz, pois, ao passar por perto da mesa de experiências, a trouxa bateu, levemente, num pórtá-tubos de ensaio, derrubando-o.

Os tubos estilhaçáram-se no lagedo e o conteúdo, sangue artificial, esparramou-se numa enórme pôça.

O médico e o operado viraram-se instintivamente e aquêlo comentou:

— Desastrado!

Êste, porém, ao ver o sangue derramado sofreu uma verdadeira transfiguração: os ólhos dilataram-se esbugalhadoramente, a circulação acelerou-se as faces arroxearam-se, os dedos arquearam-se, como em garras, a fisionomia

---

[\* *amnésia total desconhece os dois*]

{Palavras indecifráveis na margem superior da página}

contraíu-se, demonstrando o esforço que êle fazia para soltar-se, e um verdadeiro urro ecôou com gragor.

O médico e o auxiliar correram-lhe ao encontro, no momento em que o rapaz procurava desafivelar as tiras de couro.

Lutaram alguns minutos para domina-lo e só conseguiram porque, com o esforço despendido, o golpe, recém-cosido, abrira-se e o sangue jorrára abundantemente, ocasionando em um desfalecimento.

O doutor imediatamente acorrentou-lhe os pulsos e tornozelos, ao mesmo tempo que exclamava:

— Evitemos uma hemorragia de maiores conseqüências!

O sangue foi lógo estancado.

Preciso costurar de novo os gólpes.

—  $\Theta$  ~~que~~ [*Que*] lhe terá acontecido?

Não sei ao certo, mas creio que a visão do sangue despertou-lhe os instintos carniceiros do felino cujo coração êle traz.

— Isso nos poderá acarretar inúmeros aborrecimentos.

Farei experiências no sentido de averiguar se o instinto permanece e o possível, no caso afirmativo, para elimina-lo gradativamente.

Os golpes foram mais uma vez costurados e, no fim de tres semanas, retirados.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

O Dr. Hildebrando com sucessivas e cautetósas pesquisas levadas a efeito, constatára que na sua criação perduravam todos os sentimentos de que era portadora a féra.

Tratou, por êste motivo, de afasta-la, tanto quanto possível, dos logares onde pudessem ocorrer acidentes de qualquer natureza e, para isso, fez construir uma cabíne contígua ao laboratório, na qual conservou o Homem-Féra, como passára a denominá-lo.

Visitava-o diariamente duas ou tres vezes vêzes, esforçando-se para que nada lhe faltasse.

A alimentação era só feita de hervas, tubérculos, raizes, sendo evitada peremptoriamente a carne.

Verificou, no transcorrer de um mês, que a sua concepção dantesca levava uma vida relativamente calma, com todos os órgãos em gôso das respectivas funções naturais, excetuando-se o aparelho fonador.

Resolvêra retardo ao mundo a auspiciosa notícia do resultado dos seus contínuos labores, porque ainda o pretendia dotar da articulação da palavra.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## X

Um ano se passára sem maiores novidades.

O Dr Hildebrando Martins não conseguira da a palavra ao Homem-Féra, este nunca mais tivera acessos selvagens e o sábio julgava até que já se tivessem eliminados tais sentimentos.

Convidára o auxiliar para ser o arauto da mais importante descoberta científica realizada desde as épocas pré-históricas desde o tempo dos trogloditas até o século XX.

Heitor deveria partir o mais breve possível, no máximo dentro de dois meses, e, para isso, foram iniciados os preparativos.

O médico começara, então, a conceder maior liberdade ao Homem-Féra; já saía em sua companhia para pequenos passeios e um dia, dominado por incontida vaidade, levou-o até a habitação para que conhecesse a filha e esta a ~~maravilhosa consequência~~ [o maravilhoso resultado] dos trabalhos de muitos anos.

---

[\* intercalar um capítulo – início de amor]

Não desejamos que Josina o conhecesse sob a denominação de Homem-Féra, aliás pouco lisongeira, começou a chama-lo de Jacy, verdadeiro nome do ex-capataz, fazendo-o, mesmo, passar por tal, ante os ólhos incrédulos de todos.

O primeiro encontro dos dois jovens foi interessantíssimo, porquanto entre êles manifestou-se uma recíproca simpatía e desde logo se familiarizaram.

Como o rapaz era mudo, não conversaram, claro, mas em compensação, Josina fazia longas dissertações e entregáva-se horas e horas à leitura em voz alta.

Jacy ouvia-a atentamente e os seus ólhos fitavam-na sempre com extrema ternura.

O médico desde logo notou a intimidade que se havia estabelecido entre os dois seres que êle mais amava no mundo: a filha e a criação.

No dia em que não trazia o rapaz para visitar a môça, ésta mostráva-se nervosa e mau-humorada.

Em pouco tempo, percebeu-se que as suas desconfianças e suspeitas tinham bastante fundamentos, pois verificou que os dois jovens principiavam, ou melhór, há muito tinham começado, a se amar.

A princípio regozijou-se por tal fato, porque viu que a sua concepção era também portadora de bons sentimentos e de um dos mais elevados, como sóe ser o amor.

Mais tarde os pressentimentos de alguma catástrofe fizeram-no mudar de opinião e com que êle procurasse, aos poucos, afastar Jacy da filha.

As impertinências de Josina e a nostalgia do Homem-Féra exigiam, entretanto, que êle os tornasse a aproximar, pois via que ambos sofriam com essa dupla ausência e temia a mórte de qualquer um dêles[, *em desespero de causa*]

Os dois jovens diariamente passeavam juntos pelo jardim da habitação ou pela extensa e verdejante campína.

Era evidente que se amavam mutuamente...

Éla tinha dezessete ânos e era uma beleza fascinante.

Êle contava vinte e conto e possuíam um bem conformado corpo, onde os nervos e músculos, aos menores movimentos, ressaltavam num harmonioso conjunto.

Sómente Heitor não via com bons ólhos a intimidade do par, pois bem patente era antipatia estabelecida entre êle e o ex-capataz. Talvez a inveja e o despeito fossem as principais causas.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

Faltavam só alguns dias para o embarque do auxiliar de médico.

As chatas encontrávam-se prontas para a viagem e tinha sido iniciado o acomodamento de víveres e bagagem.

Entre Josina e Jacy havia ~~uma extraordinária amizade, talvez, bastante mais do que simples amizade.~~ *[um forte sentimento, bastante mais do que simples amizade, conforme classificára o afeto que nutria pelo rapaz ante as observações do pai.]*

Passavam quasi o dia todo juntos brincando infantilmente, ou éla lendo e êle escutando com religiosidade.

O Dr. Hildebrando permitíra, ante os incessantes rógos da filha, que Jacy viesse residir na habitação, tendo, para isso, lhe destinado um aposênto completamente especial. As pórtas tinham ferrolhos e trancas pelo lado de fóra, as janelas eram gradeadas e não

notavam pelas paredes ou móveis, nem por sombra, objetos de vidro e perfurantes.

Quando Jacy se retirava para o respectivo aposento, eram corridos os ferrolhos e passada a tranca, como medida de precaução.

As janelas, bastante altas, não permitiam qualquer vista dos luxuriantes capões, fronteiros ao referido quarto.

Apesar de tudo isso, [*lucrara*] o ex-capataz bastante com a troca, pois a sua nova moradía era bem mais ampla do que a cabine onde passára enclausurado um âno, tendo por panorama apenas a calíça branca das paredes e iluminada somente pela réstea de luz que [*se*] enfiltrava, num pálido raio, pela diminúta clarabóia.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## XI

Heitor embarcaria no dia seguinte e, por isso, reinava um relativo alvoroço na sempre sossegada ilha.

Quisera levar em sua companhia a famosa criação, mas a isso, o Dr. Hildebrando se opusera peremptoriamente.

Seriam cinco horas da tarde.

O sol próximo ao poente, dava ao céu, sempre azul e límpido, belíssimas entonações vermelho-alaranjadas.

As águas, frequentemente buliçosas, irrequietas e turvas estavam imóveis, como as do mais calmo lago, e hialínas, como as da mais pura fonte.

O par amorôso encontráva-se a passear pela verdejante campina que, de quando em quando, ao soprar de ligeiras brisas, se ondulava galantemente, como desejando prestar homenagem àquela verdadeira apoteóse divina.

Enfim... uma tarde convidativa ao amor...

O pai de Josina não gostava de tais incursões, pois bem sabia que o mais leve acidente poderia acarretar a maior das hecatombes.

Os dois jovens haviam chegado a uma frondosa e centenária árvore, sob a cópa da qual se sentaram.

Josina abriu o livro e observou:

— Se não me engano estávamos neste capítulo.

[*E leu um pequeno trecho; Jacy com um*] leve movimento de cabeça concordou.

Era um romance amoroso, desses sempre preferidos pro aqueles que se iniciam na difícil e dissimulada arte de amar.

O rapaz deitou-se na fresca relva, recostando, negligentemente, a cabeça no cólo da joven.

Josina iniciou a leitura.

Várias páginas de interessantes aventuras de amor e peripécias donjuanescas foram viradas e, por fim, a moça, fechando a brochura, exclamou:

— Já me sinto fatigada e tu?

O rapaz fitou-a com um térno e súplice olhar. Éla começou a afagar-lhe o rosto e correr os dedos pela farta cabeleira de azevíche do caboclo...

E os dois estavam tão extasiados que não se apercebiam de coisa alguma ao redór...

Somente os ólhos falavam...

E essa linguagem muda, mas expressiva, era mais do que suficiente para que se compreendessem...

Aos poucos, impelidos por extranha, oculta e irresistível fôrça, os seus rostos se aproximaram e, instintivamente, os lábios se uniram, pela primeira vez, num rápido beijo.

A moça esboçou um gesto de esquivamento, mas os possantes braços do caboclo estreitaram-na com força, enquanto a boca sequiosa procurava, com volúpia, pressurosamente os lábios de Josina.

E sucedeu o inevitável...

O que teria, mais tarde ou mais cedo, de acontecer...

Jacy, em movimentos rápidos e um tanto brutaemente, despojou-a das ligeiras vestes que trazia

e procurou satisfazer toda a sua bestialidade, por mais de um âno adormecida...

.....

Um estridente uivo anunciou algo de anormal.

Θ ϻ[Q]ue teria sucedido?...

A fisionomia do Homem-Fera começou a se alterar, os seus dedos arquearam-se, um ríus assomou-lhe aos lábios, substituindo o sorriso aí sempre saltitante, e extranhos sons guturais e urros quebraram o silencio reinante, ecoando ao longe nas colinas.

Θ ϻ[Q]ue teria acontecido?...

Θ ϻ[Q]ue teria ocasionado tal transfiguração?

Talvez o leitor, em geral perspicaz, já tenha percebido que fôra a mancha rubra, única prova daquele híbrido amor, que ficára sobre o campêstre leito de rélva...

Josina, ao deparar com o rôsto congestionado do amante e a metamorfóse por que passava, soltou um grito de horror que lhe morreu na garganta, pois o Homem-Féra, despertos todos os instintos animalescos, atirou-se ao belo corpo da joven mor-

dendo-o com frenesí louco e apertando os dedos, que funcionavam como verdadeiras tenazes, no pescoço da infeliz, que estertorava já nas vascas da agónia[*sem nada compreender.*]

Mais um estremecimento agitou aquele formoso corpo, que ficou para sempre inerte.

Heitor, que caminhava para o laboratório, havia escutado o primeiro uivo e parára hesitante. Ouvindo, porém, os subseqüentes, ocorreu ao lugar donde os julgara ter partido.

A cena que se lhe deparou deixou-o, por momentos, atônito, o que foi suficiente para o Homem-Fera investir-lhe com inaudíto furór.

O auxiliar do sábio tentou empunhar o revólver, mas a impetuosidade do ataque prostrou-o atordado no sólo.

O monstro urrava continuamente e os seus olhos fulguravam, parecendo deixar transparecer uma indômita alegria. Dotado de extraordinária força física fácil lhe foi dominar Heitor, que bradava desesperado por socorro.

Num movimento nervôso e brusco, o matador de Josina meteu os dedos indicadores nas órbitas do

infeliz homem, fazendo com que os glóbulos oculáres do infeliz saltassem, prendendo-se sómente pelos tendões e filamentos.

O ajudante do médico soltou um gemido, capaz de comover até o Rajah, mas não o Homem-Féra e desfaleceu de dor.

O monstro ria sarcasticamente, imerso no seu prazer sanguinário...

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

O Dr. Hildebrando, da habitação ouvíra os brados de socorro e os lancinantes gritos emitidos pelo auxiliar.

Previendo qualquer acontecimento grave, chamou meia dúzia de empregados e com êles começou a percorrer a campina, pois não sabia ao certo d'onde os gritos haviam procedido.

Uns gemidos estertorantes encaminhavam-no para o palco onde se desenrolava a macabra cena.

No momento em que chegára, Heitor tinha a barriga aberta e as entranhas pendíam para o lado de fóra. Os intestinos, rins, enfim as vísceras achavam-

se a alguns passos de distância. O pescoço e o rosto apresentavam numerosos ferimentos e escoriações ocasionados por dentadas.

O Homem-Féra havia metido a dextra pela abertura, afastára os pulmões e arrancára o coração da vítima ainda quente e palpitante, trincando-o entre os dentes. O seu rosto, mãos, pernas, ou por outra, quase todo o corpo, estavam ensangüentados.

O médico ao ver a filha encharcada em sangue, semi-núa, percebendo-a morta, compreendeu num relance todo o ocorrido e soltou um pungente grito.

As pernas enfraqueceram-se, a vista escureceu-se e teria tombado ao chão se um dos vigorosos cabôclos não o sustivesse.

O monstro perdera todas as qualidades humanas; os instintos carniceros do felino, cujo coração ele trazia no peito, dominavam-no completamente.

Percebendo que os cinco homens encaminhavam-se em sua direção e que a luta seria desvantajosa, tratou de correr em busca do bósque, onde as copadas árvores [o] poderiam ocultar, perseguido, todavia, pelos caboclos.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

No dia seguinte às lamentáveis ocorrências, o rebocador, seguido das chatas, descia o rio.

Ao canto esquerdo da lancha, um homem, com o olhar fixo nas águas barrentas, os cabelos quase totalmente embranquecidos, balbuciava palavras desconexas, entrecortadas de estridentes gargalhadas: era o Dr. Hildebrando Martins, notável médico cirúrgico.

Não pudéra resistir à forte série de acontecimentos funestos, desenrolados em tão pouco tempo, e havia perdido a razão.

Um par de correntes prendia-o pelos tornozelos, como medida preventiva.

Os cabôclos, sem ter quem os dirigissem e não havendo capturado o monstro, tinham enterrado os dois cadáveres e deliberado conduzir o médico para que fosse hospitalizado, à Teffé onde comunicariam às autoridades, as lamentáveis ocorrências da Estância Josina, lugar a que não desejavam, nem por sombra, retornar.

Doze dias durou a viagem, transcorrida normalmente.

Chegados, o Dr. Hildebrando foi submetido a rigoroso exame e, constatadas as suas perturbações

mentais, internaram-no numa das mais importantes casas de saúde, dede logo perdendo, a junta médica, as esperanças de o fazer recobrar a razão.

As autoridades, cientes dos fatos, à princípio julgaram inverossímil tal história, mas a categórica [e unânime] afirmação [afirmativa] dos cabôclos acabou por convencê-las.

Organizaram um expedição armada com o fim de capturar o Homem-Féra e examinar os arquivos do médico, pois, caso fosse verdade o que asseveraram os quatorze homens, deveria, o Dr. Hildebrando, ter descrito, ou pelo menos, apontado as suas experiências e estudos.

Necessitava, no entanto, a comissão, de um guía, mas nenhum dos cabôclos o desejava ser, porquanto tinham um verdadeiro pavôr de rever as tão malfadadas terras.

Após ameaças, insistências, pedidos e promessas, um dos mais destemidos, chamado José, ofereceu-se para conduzir os expedicionários.

Duas semanas após, aportaram, os homens, à Estancia.

Oito dêles foram destacados para rigorosa batida em toda a ilha. Os restantes, chefiados por José que conhecia o terreno, encarregaram-se de minuciosa busca na habitação e laboratório.

Como eram vários os aposentos a rebuscar e inúmeros os móveis a revolver, os homens foram aos poucos se espalhando pelo enorme casarão.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

Era já noite quando o comandante da expedição deu o toque de reunir.

Pouco a pouco, os homens foram aparecendo e fez-se a contagem...

Faltava um...

Quem seria?...

Procedeu a chamada e verificou-se...

... a audácia de José.

— Quem o viu pela última vez? indagou ansioso o capitão.

— Estive com êle à tarde mas depois separou-se dizendo que ia [a] um lugar onde havia morado o Homem-Féra, respondeu um dos soldados, que se adiantára um passo.

— E não sabe onde fica esse lugar?

— Não sei, não senhor, mas êle seguiu p'r'as bandas do laboratório.

— Vamos até lá.

Após alguns minutos de marcha forçada, chegaram aos gabinetes de experiências, revistaram-nos mais uma vez, assim como o alojamento, nada encontrando.

Já se ia retirar, quando ouviram sons exquisitos que pareciam partir de trás do laboratório.

Para lá se dirigiram, encontrando a cabine a que se referia o cabôclo.

A entrada encontrava apenas parcialmente vedada e os primeis que a transpuzeram recuaram espavorídos...

... na semi-obscuridade reinante, jazia o cadáver de José completamente dilacerado.

A porta, dissimulada na parede, que comunicava a cabine a um dos gabinetes, achava-se escancarada e no limiar o Homem-Féra, tinto em sangue, olhava ameaçador para os recém-chegados.

Decorridos os primeiros momentos de surpresa e hesitação, os soldados investiram decisivamente contra o monstro. Êste num movimento rapidíssimo, passou-se par ao laboratório, trancando a porta e impedindo, dést' arte, o acesso por éla.

Os soldados retrocederam, contornáram a construção, mas, quando penetraram nas salas de experiências, nada encontraram a não ser um rastro sanguíneo, que indicava já ter Jacy, se assim ainda o podemos denominar, fugido.

— Por hoje, coisa alguma podemos podermos fazer... Resta-nos só enterrar o cadáver daquele infeliz.

Houve um momento de silêncio e nos soldados, inclusivé os mais destemidos, notava-se um certo receio, para o qual a superstição contribuía com enorme contingente.

O capitão continuou nas instruções:

— É necessário que os homens não se afastem uns dos outros; mantenham-se sempre juntos e vigilantes... Amanhã bateremos a ilha tôda e êle não nos poderá escapar.

Os soldados cumpriram á risca as ordens do chefe e retiraram-se para a habitação, onde pernoitaram.

Ao romper da aurora já todos se encontravam equipados e iniciou-se a batida.

O sol já ia a mais ou menos alto quando alguns uivos vindos do cais orientaram a expedição, que para lá se dirigiu.

Aproximando-se da beira do río, os soldados viram a lancha e as chatas que desciam, ao sabor das águas, a caudalosa corrente.

O monstro, em pé na coberta do rebocador, soltava constantes uivos em que se percebia todo o seu imenso contentamento.

Os homens desesperados num inaudíto e ~~desesperado~~ [derradeiro] esforço, correram pelas margens na esperança vã de alcançá-lo...

... mas a distância era já bastante considerável.

Gritaram, chamaram-no, acenaram-lhe os braços, mas a isso tudo a criação do Dr. Hildebrando Martins respondia com gargalhadas estranhas e uivos estridêntes.

Só então compreenderam, aqueles infelizes, a sua tristíssima situação: estavam para sempre isolados do mundo, condenados á morte naquelas êrmas paragens, se não partisse da cidade outra expedição para procura-los.

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*

## Epilogo

[ - *Capítulo* ]

Por tres meses aguardou-se em Teffé a volta dos expedicionários e, como tal não se desse, foram creadas, pela suposição popular, as mais absurdas e inverossímeis lendas.

Era corrente se a Estancia Josina mal-assombrada e que todos aqueles que lá os pés puzessem jamais retornariam, porquanto os espíritos malignos de que estavam povoados os arredores, roubavam-lhes as vidas para alimentar a sêde sanguinária do Homem-Féra.

Lancha e chatas haviam sido avistadas por alguns pescadores ao largo do rio.

E na sua tão ingenua fantasia quão fértil a rude imaginação, asseguravam veementemente terem visto ténues vultos esbranquiçados, volitando ao redor das sinistras embarcações.

Já por esse, já por aquele motivo, a verdade é que ninguém cogitou de organizar nova expedição com o fito de descobrir algo da predecessora ou aprofundar-se no que de verdade, por ventura, pudes-se haver nas lendas correntes.

Jamais tiveram, os habitantes de Teffé ou das cercanias, notícias atinentes ao Homem-Féra, resultado do apogeu a que chegára a cirurgia nas mãos do mais notável médico e perito cirurgião do século XX, apesar de não acreditarem, os mais céticos, na sua existência.

Ao Dr. Hildebrando foi impossível recobrar a razão e, como não houvesse legado á posteridade qualquer documento ou, pelo menos, algumas rudimentares notas a respeito dos famosos estudos que fizera, com o decorrer do tempo e mormente, após a sua morte, caiu tal fato no olvido geral.

Perdeu-e dest'arte, o mais sensacional estudo científico e o mais perfeito trabalho cirúrgico, a maior produção dos cérebros humanos até hoje:

O HOMEM DANDO VIDA AO PRÓPRIO HOMEM.

FIM

\*\*\*\*\* - : - \*\*\*\*\*



## Comentários da Obra



# Visita ao laboratório do grande cientista moderno, Dr. Hildebrando Martins, criador do homem-féa

*Rita Lenira de Freitas Bittencourt\**

*“O herói dá um passo e se põe diante do monstro, em posição de combate. Teseu olha, então, olha pela primeira vez, e o vê. E não acredita. O Minotauro tem sua cara.”*

Paulo Leminski. *Metaformose*

## Notas

Com data, inicialmente, de 1933, depois rasurada e corrigida para 1938, e denominada “novella”, *O Homem-Féa* é mencionado como a sexta obra literária em prosa de Ignezil Penna Marinho, que também escreve poesia. Em uma das páginas de abertura, consta na lista cronológica, denominada “Obras do Autor”, a referência a uma coletânea de poemas intitulada *Linhas Retas (1932/1938) (Poesias Cubistas)*. Chama atenção essa referência plástica em fatura simultânea: nos mesmos anos em que compõe os seus poemas cubistas, Ignezil também está redi-

---

\* É mestra e doutora em Teoria Literária, professora adjunta no curso de Letras da UFRGS, vinculada ao setor de Teoria Literária e à área de Literatura Comparada no programa de Pós-Graduação. Investiga as teorias moderna e pós-moderna, as poéticas do presente e as relações da Literatura com outras artes e linguagens.

gindo *O Homem-Féra*. Não por acaso, portanto, as superposições de fronteiras, a combinação de materiais díspares, próprias da vanguarda, estendem-se ao conto, que recebe a denominação final de “romance”.

*O Homem-Féra* é uma narrativa que convoca outros textos, literários ou não, e esses vão sendo mais ou menos visitados pela utilização de clichês, pela exploração das alusões e pelo desenho estrutural: as novelas de aventuras, as aventuras marítimas, os diários de viagem, o romance romântico, o relato científico, a descrição etnográfica. Podem-se identificar, nessa tessitura intertextual, bem como nas personagens do cientista - com seu duplo, o louco -, e da sua impossível “criatura”, outro duplo, ou triplo, algumas marcas da literatura dita “moderna”.

O narrador explicita o contato intertextual, quando exhibe a personagem Josina lendo um romance romântico, enquanto Jacy, ouvindo, repousa com a cabeça no colo da moça, no auge do encantamento amoroso, embora já tenha-se tornado o “homem-féra” e a delicadeza da cena esteja na iminência do fim. A experiência de leitura talvez induza ao desenlace fatal, pois se trata de “um romance amoroso, desses sempre preferidos por aqueles que se iniciam na difícil e dissimulada arte de amar” e “várias páginas de interessantes aventuras de amor e peripécias dom-juanescas foram viradas...”, as palavras facilitando a concretização do desejo sexual.

Em um ponto anterior da narrativa, nas margens, é citado, entre colchetes, o conhecido conto de fadas *A Bela e a Fera*, também com relação ao interesse de Josina, dessa vez em Rajah, o tigre, numa primeira antecipação de um amor duplamente impossível, destinado ao fracasso. O romance romântico e o conto de fadas, deslocados, ocupam lugares tensos à beira do desequilíbrio e da transformação, exibindo, no corpo do texto, as fraturas do contato e do confronto com outros textos<sup>24</sup>.

Os organizadores dessa publicação esclarecem, em nota, a tentativa de “operar” o texto, ou seja, destacam a escolha crítica pela qual optaram, “deixando à mostra a anatomia que constitui corpos”, exibindo os enxertos, as anotações, as rasuras e as dúvidas do original como “rastros do indeterminado” e “inacabado” personagem: a “criatura” ou o homem-féa. Valho-me desse gesto, incorporando-o no jogo entre o texto e as margens, para ensaiar uma leitura intersticial, tomando o conto sem acabamento e com tintas juvenis como um

---

<sup>24</sup> Um conjunto de elementos de limiar aparece dramatizado no conto *Homem-Féa*, que pode remeter, apenas para citar alguns exemplos, ao “Frankenstein”, de Mary Shelley, de 1831, às aventuras de *A Ilha do Dr. Moreau*, de H.G. Wells, de 1895, na época já conhecidos no Brasil, e também às histórias de aventuras escritas por Julio Verne, como *Viagem ao Centro da Terra*, de 1864, ou *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*, de 1872. Na relação com o duplo, com o descontrole e a loucura, há um diálogo intertextual com *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, de 1886, e com a série de contos de terror do escritor americano Edgar Allan Poe, publicados em meados do século XIX, lidos e relidos até hoje. No cinema, o expressionismo alemão já havia trazido às telas *O Gabinete do Dr. Caligari* (Wiene, 1919) e *Noosferatu* (Murnau, 1922).

impreciso mapa, seguindo as pegadas do monstro e retornando ao laboratório do cientista.

## Mapa

Dividido em doze partes e um epílogo - palavra que foi rasurada, sugerindo, talvez, uma continuidade futura -, o conto inicia com uma descrição da paisagem, a partir da visão do barco Itaubá que singra o rio Amazonas “com suas grandes e pesadas rodas”, ao estilo das narrativas de aventuras norte-americanas, ao situarem os barcos fluviais<sup>25</sup>. O narrador, em terceira pessoa, traça a gradação visual paisagem-rio-barco rapidamente, destacando o peso e a dificuldade de navegar, passando então ao porão, que “parecia estar cheio de feras”, pois se ouvem “estridentes uivos e estremecedores rugidos” e “extranhos(sic) sons”. As feras são, inicialmente, apresentadas a partir dos sons que produzem, já que ficam enjauladas no porão, invisíveis. Mais adiante, saberemos que são leões e tigres africanos, destinados a experiências científicas. A insinuação a “algo escondido”, a uma ameaça latente e exótica (ex-ótica), à espreita, concretiza-se na utilização repetida dos imprecisos “parece”, “parecia” e no estranhamento construído entre os

---

<sup>25</sup> Penso, especificamente, em Herman Melville e em seus relatos de juventude, as aventuras marítimas *Typee*, de 1846, e *Omoo*, de 1847, e, em boa medida, na obra-prima *Moby-Dick*, de 1851. Na produção tardia *O Vigariista, seus Truques*, de 1857, publicada após sua morte, as ações acontecem num barco e têm como pano de fundo as viagens pelo rio Mississippi.

sons produzidos pelas feras e a curiosa falta de sons do entorno, do rio e da mata, subitamente silenciosos.

É um descompasso que também se registra nas dúvidas quanto ao itinerário do barco, registradas entre colchetes, às margens do texto: situando o enredo na Amazônia, a nota manuscrita registra a pergunta: “Acre?” – que insinua a possibilidade de jogar o espaço da narrativa para um lugar ainda mais distante. Como o porão do barco que encerra animais genericamente denominados “feras”, que não se sabe quais são, que apenas são ouvidos, o Acre, ainda mais na década de 30, é um lugar conhecido mais por “ouvir falar”, um fim de mundo, tornado há pouco terra nacional<sup>26</sup>. Contraponto a esse endereço de chegada, que é um não lugar, ao de partida - as jaulas trazem carimbos de Hamburgo, Alemanha, e as feras vêm de mais longe ainda - temos as remotas Europa e África, conhecidas, igualmente, mais por “ouvir falar”, não lugares por excelência, aos quais recorre boa parte da cultura livresca.

Marcando esse impreciso percurso, que vai de nada a lugar nenhum, contudo permite, simultaneamente, o acesso a qualquer lugar, o tempo cronológico da viagem tem o registro de quatro dias (rasurado),

---

<sup>26</sup> Em 1903, após anos de confronto com a Bolívia e depois de um breve governo independente do espanhol Luiz Galvez, o Acre foi tornado território brasileiro. Como referência literária, ver a novela folhetinesca *Galvez, Imperador do Acre*, de Márcio de Souza, de 1976.

cinco dias (entre colchetes) e, por fim, se reduz a “dias”. E, associado aos dados entre colchetes, “por um dos inúmeros braços da intrincada rede fluvial”, antecipa, no emaranhado líquido do rio e de seus “braços”, a imagem da rede do sangue nas veias. Os corpos geográficos e os corpos orgânicos assim superpostos apontam para um mesmo jogo com o desconhecido.

O tempo cultural de um sangue “inventado”, a partir de uma mistura de elementos artificialmente combinados, justificaria, na modernidade, tanto as incursões na paisagem quanto as expedições científicas, tanto a colonização com a ocupação dos mais remotos lugares, em nome da nação, quanto as experiências com seres vivos, praticadas em laboratórios, em nome dos avanços da ciência, o que, muitas vezes, sustentou genocídios e transformou-se em tortura, em poções e em campos de extermínio, em defesa da paz e da ordem sociopolíticas<sup>27</sup>.

As personagens nativas são os trabalhadores braçais, os carregadores, os “não brancos”, denominados de “caboclos” pelo narrador. Uma delas, o capataz da fazenda onde reside o cientista, será, por acaso, ao ser picado e morto por uma cobra, a cobaia ideal para a experiência anunciada, “que irá abalar o mundo”. A partir do sucesso inicial dessa experiên-

---

<sup>27</sup> Vale lembrar que as datas referentes à produção de *O homem-féa*, vão de 1933 a 1938, ou seja, perpassam o período entre as duas grandes guerras mundiais e aqui, no Brasil, alcançam os primeiros anos do Estado Novo.

cia, recuperará seu nome: Jacy. Mais tarde, com o fracasso, compartilhará a indefinição da floresta e do rio com as feras locais, inúteis até mesmo como cobaias.

Os “caboclos” são descritos como fortes, robustos e “bronzeados pelo sol causticante dos trópicos” e Jacy, mais detalhadamente: “Era um rapaz de fisionomia atraente, (...) de largas espáduas, dotado de extraordinária força muscular, enfim, um belo exemplar da espécie humana.”. Mais tarde, já tornado o *Homem-féra*, a menção à sua constituição física retorna: “Ele contava vinte e conto(sic) e possuía um bem conformado corpo, onde os nervos e músculos, aos menores movimentos, ressaltavam num harmonioso conjunto” e “Ela [Josina] começou a afagar-lhe o rosto e correr os dedos pela farta cabeleira de azevi-che do caboclo...”. Superpõem-se, na ocasião, os traços do belo e jovem exemplar humano e a harmonia muscular do belo e jovem tigre, tendo o denso cabelo escuro de um substituído a brilhante pelagem do outro.

O médico Dr. Hildebrando Martins, que tem em torno de 50 anos quando aparece no enredo, formara-se no Rio de Janeiro, estudara Microbiologia, Anatomia e Cirurgia. Em relação às suas ações, o narrador informa vagamente que o doutor “interviera já em delicadíssimas operações, tendo sempre obtido lisonjeiros resultados”, sem mais detalhes. Após a morte da esposa e com uma filha de apenas um ano,

mudara-se para uma ilha no meio do rio Amazonas iniciando as suas experiências com animais. Um primeiro mergulho no trabalho, motivado pela morte da esposa, leva a outros após a morte do pai. Destina-se ao desconhecido, em chave dupla: a uma ilha perdida no meio do rio e aos mistérios ainda não desvendados pela ciência.

O cientista denomina a filha como a mãe, morta no parto: Josina. A menina, que é uma híbrida “bronzada” de olhos azuis, “não sabia o que era o medo ou o amor” e “aos quatorze anos era já mulher feita”. Contava dezesseis/dezessete anos quando é mencionada na narrativa, vira poucos “homens brancos” até então e, naturalmente, encanta-se com um jovem tigre enjaulado, que será a sua perdição. Meio mocinha ingênua, meio agressiva, arredia e selvagem, fará o par trágico/romântico da “fera”, meio humana, meio animal.

O médico-auxiliar, Heitor, nutre, inicialmente, uma paixão pela filha do patrão e, posteriormente, transforma esse sentimento em rancor, ao ser agredido por ela e, por conta disso, passar a exibir uma feia cicatriz no rosto. É descrito de forma ambígua, pois, embora seja competente em seu trabalho, tem atitudes intempestivas e cruéis, demonstrando inveja, planejando e praticando atos vingativos. Transfere a antipatia pelo tigre para o homem-féra, já que ambos se tornam focos da atenção de Josina e se sobrepõem. É

convidado pelo Dr. Hildebrando “para ser o arauto da mais importante descobérta(sic) científica realizada desde as épocas pré-históricas desde o tempo dos trogloditas até o século XX”.

O homem-féra, que dá título ao conto, recebe, além dessa, várias denominações: “a mais maravilhosa concepção humana”, “a famosa criação”(sic), “o ex-cadáver”, “o ex-morto”, “o operado”, “o capataz, se ainda assim o podemos denominar” “o caboclo” e até “o rapaz”. Quando suas ações começam a sair do controle, torna-se, para o médico, “a sua concepção dantesca”, “a sua creatura”(sic). Sua imagem oscila entre a de um paciente que sofreu um transplante de coração, recebendo o de um animal, trazido de volta à vida graças a um sangue artificial, apresentando atitudes variáveis e ausência de fala e a de uma “fera” indomável e carnívora, à qual retorna na presença de sangue, sofrendo uma “verdadeira transfiguração”, passando a ser guiada apenas pelos instintos.

Volta a chamar-se Jacy, quando está sob controle e conhece Josina, mas, em uma “tarde convidativa ao amor”, após um rápido beijo, violenta a moça e em seguida a mata por estrangulamento. O narrador, ao tentar explicar essa transformação, agora definitiva, do homem em fera, dirige-se, pela única vez, em todo o conto, diretamente ao leitor: “talvez o leitor, em geral perspicaz, já tenha percebido que fôra(sic) a

mancha rubra, única prova daquele híbrido amor, que ficara sobre o campestre leito de relva...”. Ou seja, vítima dos “instintos animalescos”, de uma “bestialidade por mais de um ano adormecida”, a moça tem o seu próprio sangue como provocador da própria morte. O homem-féa torna-se, então, “o monstro” e, nas páginas finais, com o malogro da experiência, é citado unicamente como “a criação(sic) do Dr. Hildebrando Martins”.

O narrador, em terceira pessoa, não é indiferente ou neutro, pois enaltece o cientista até o fim, denominando-o “sábio”, “notável” e anunciando várias vezes a experiência ao mundo, sempre com admiração explícita. Conduz a narrativa com perguntas, criando pausas e efeitos de suspense, como “Que teria conseguido o grande médico?”, “Que teria accaduto à memória do notável médico?”, “O que teria sucedido?”, “O que teria acontecido?”, “O que teria ocasionado tal transfiguração?”, “Faltava um... Quem seria?”. Uma única vez, conforme já foi dito, a fim de explicar a causa da morte de Josina, é que se dirige ao leitor, em cumplicidade masculina, compartilhando o *segredo* da gota de sangue na relva.

É importante destacar que, no afã de validar o conhecimento científico como “verdadeiro”, acaba desqualificando o conhecimento popular ou do local. Diante dos comentários desconfiados a respeito da

morte e da ressurreição do capataz, faz o seguinte comentário sobre os “caboclos”: “...se retiraram comentando o fato sob os mais pitorescos aspectos: alguns alegavam que o doutor tinha pacto com o sacy: outros que era um bruxo, terceiros que tinha vendido a alma ao Satanás e outras banalidades comuns ao espírito ainda não completamente evoluído da gente sertaneja”. Vale destacar a curiosa expressão “gente sertaneja” utilizada para adjetivar as pessoas que habitam a Amazônia<sup>28</sup>.

Nas páginas finais, quando o homem-féa desaparece sem deixar rastros, e ninguém se aproxima das embarcações abandonadas às margens da ilha, o narrador comenta: “E na sua tão ingênua fantasia quão fértil a rude imaginação, asseguravam veementemente terem visto ténues vultos esbranquiçados, volitando ao redor das sinistras embarcações”. Ou seja, mesmo diante do fracasso da experiência “científica”, a personagem não hesita em condenar o pensamento “outro”, local, por “não científico”.

---

<sup>28</sup> Ao repensar os lugares da nacionalidade, o modernismo brasileiro volta-se para a Amazônia, sendo um exemplo de tentativa de aproximação o diário *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade, de 1927, na qual o escritor relata uma viagem pelo rio Amazonas. Também de Mário, vale citar os *Dois Poemas Acreanos*, dedicados ao seringueiro, um “brasileiro” também, que situam o poeta em São Paulo, ao escrever um acalanto que enuncia a distância e a impossibilidade de comunicação. Outra leitura modernista dos mitos amazônicos é o longo poema *Cobra Norato*, de Raul Bopp, de 1931, construído de montagens e combinações insólitas entre a temática e a linguagem. Do ponto de vista teórico, ver ANTELO, Raul. Algaravia. *Discursos de Nação*. Florianópolis: UFSC, 1998.

Aparentemente, as pesquisas malogradas do Dr. Hildebrando Martins não têm o poder de afetar as crenças do narrador, que acaba aceitando sem questionar o diagnóstico de loucura irremediável feito por uma junta médica. No enfrentamento das culturas, vence a versão mais erudita, relacionada ao meio acadêmico e urbano. Assim, o homem-féa desaparece no interior da floresta, e a narrativa apenas “passa” pela floresta e “flutua” pelo rio, resultante de contatos que equacionam modernidade e atraso como opostos absolutos, impossíveis de serem resolvidos em síntese, já que o resultado seria monstruoso, uma transgressão de limites que não permite acomodação.

## Laboratório

É preciso seguir o endereço das etiquetas coladas às jaulas, na única ousadia visual explicitamente inserida no texto, no interior do desenho de um quadrado - “Dr. Hildebrando Martins/ Estância Josina/ Via Teffé/ Amazonas/ Brasil” -, e, depois, empreender uma longa viagem de lancha por um dos afluentes do Amazonas, até chegar ao lugar onde o grande cientista construiu seu refúgio, uma ilha especialmente preparada para experiências científicas, com casa de moradia, galpão para guardar os animais e o laboratório.

O laboratório é descrito como amplo cheio de estantes com livros e de armários com vidros contendo pequenos animais conservados em clorofórmio e seus órgãos, rins, pulmões e glândulas, à mostra. Há “crâneos”(sic) e esqueletos que permitem configurar uma “macabra emolduração” de um “tétrico ambiente”. Por outro lado, o salão é dotado de “mesas de operações de diferentes dimensões, aparelhos de raio X, ultra-violetas e infravermelhos, além de bombas aspiradoras e expiradoras”, e o médico, “num pequeno armário de vidro encerrava os instrumentos e os ferros necessários às mais perfeitas e meticulosas intervenções cirúrgicas”.

A narrativa se detém “ao lado de balões, retortas, provetas e tubos de ensaio” que “encerravam diferentes líquidos, principalmente sangue...”, pois o sangue é a base das pesquisas, o elemento fundamental que determinará a vida e a morte das personagens. Após horas de trabalho, o médico havia obtido a “síntese do sangue, com propriedades rigorosamente iguais às do natural” e indagava-se “Como denominar o novo corpo destinado a revolucionar o mundo inteiro?/ Sangue artificial?/Sangue sintético?/ Sangue reconstituído?”.

Essas dúvidas se estendem à margem do texto, pois uma anotação prevê “um capítulo sobre transfusão de sangue”, demonstrando a necessidade de fun-

damentação científica da narrativa. Em outro lugar, as anotações também levantam a necessidade um capítulo sobre o amor, ou seja, percebe-se que, assim como a experiência em curso, no laboratório, a fatura do texto também está em processo, também é uma “experiência”.

A investigação que levou à produção do sangue sintético é parte de um projeto extraordinário, capaz de, segundo o narrador, tornar-se uma “sensacional descoberta que abalaria profundamente o meio científico dos cinco continentes do planeta”. Então, o cientista realiza trabalhos elétricos para identificar a carga necessária para ativar o sistema nervoso, descobre qual parte deveria ser ativada e inicia o trabalho com metais, produzindo, por fundição, pequenos tubos destinados a substituir veias cavas e pulmonares, aorta e artéria pulmonar, declarando, por fim, ao assistente: “-Estou com desejos de sacrificar, para a mais monumental das minhas experiências, o Rajah...”, ou seja, o tigre por quem Josina vinha demonstrando afeto. A notícia alegre a Heitor que passa a planejar a morte do felino, nos mais cruéis detalhes, e a executa. Pode-se inferir que a aversão ao sangue, o despertar da fera no interior do homem-féra, tem relação direta com esse episódio.

Outro elemento que se repete desde o início e torna-se fundamental, pois sugere leituras múltiplas,

é o coração. No laboratório, encontra-se “uma grande variedade de corações de todos os tamanhos e formatos”, e sobre uma mesinha de operações está um gato, com o peito aberto, no qual se nota a “ausência de coração”. Heitor é, no início, “candidato ao coração da jovem” e depois, vingativo, não deixava transparecer a “peçonha de que estava pleno o âmago de seu coração”. Na descrição de sua morte, “o homem-féa havia metido a dextra(sic) pela abertura, afastára(sic) os pulmões e arrancára(sic) o coração da vítima ainda quente e palpitante, trincando-o entre os dentes”.

Afora todas essas referências, temos as cirurgias de transplante, no auge da narrativa: do capataz, foi “retirado o coração inerte foram adaptados os tubos metálicos.”; do animal: “o médico, com um cuidado meticolosíssimo, ajustou os grampos às veias e às artérias procedentes do coração de Rajah, imediatamente as cortou e, num movimento assaz rápido, adaptou-as aos tubos de platina, na cavidade torácica do cadáver. Foram logo retirados os grampos, continuando o coração do felino no seu funcionamento, o que fez o sangue começar a circular”.

Mais adiante, estranhando as reações violentas do homem-féa, o doutor explica: “creio que a visão do sangue lhe despertou os instintos carniceiros do felino cujo coração ele traz”. Mais tarde, constata

que “perdera todas as qualidades humanas; os instintos carniceiros do felino, cujo coração ele trazia no peito, dominavam-no completamente”. Assim, no jogo entre a natureza e a cultura, entre a animalidade instintiva e a razão humana, o coração é o órgão destinado a conservar e a transferir as marcas de origem: os instintos da fera, em cujo corpo habitava e que residem ali, são passados para o corpo do homem sem perder suas especificidades.

No laboratório do Dr. Hildebrando Martins, o coração é peça anacrônica, fonte da vida espiritual e marca romântica, conservando-se como o núcleo intransferível da sensibilidade, enquanto o sangue pode ser refeito, reconstituído e reutilizado, em animais e em homens indistintamente.

(in)conclusões

Curiosamente, a experiência que seria a maior de todas já realizadas pela ciência não lega “à posteridade qualquer documento ou, pelo menos, algumas rudimentares notas”. E o conto, assim como tenta contatar homens e feras, coloca em contato, na figura do Dr. Hildebrando Martins, a sabedoria e a loucura. Uma breve leitura retrospectiva pode resgatar “os olhos faiscantes”, o “semblante alterado”, os delírios de grandeza e os acessos de vaidade do cientista, além de tornar suspeita a atitude de isolar-se de tudo e de

todos. A declaração “o médico desde logo notou a intimidade que se havia estabelecido entre os dois seres que ele mais amava no mundo: a filha e a criação”(sic) toca, indiretamente, no maior de todos os tabus: o incesto, e, desde então, a relação Josina-Jacy se vincula a um dilema ético que não tem solução.

Nas páginas finais, o texto remonta ao início, quando se ouvem apenas sons indistintos: “na sua loucura, o médico balbuciava palavras desconexas, entrecortadas de estridentes gargalhadas”, enquanto, durante a fuga, espetacularmente, “a criação(sic) responde com gargalhadas e uivos estridentes”. Retorna, nesse enfrentamento para além das palavras, entre criador e criatura, a atmosfera conspirativa, sendo a incompreensão e a loucura do fim correlatos textuais da imprecisão temporal e espacial da abertura.

O cientista moderno e o louco, frente e verso da mesma personagem, não encontra respostas diante do desconhecido e torna-se incapaz, pela configuração incongruente do presente, de projetar o futuro, alegorizado na figura do monstro, o terceiro termo, a personagem *plus*, que está no limiar: “A porta, dissimulada na parede, que comunicava a cabine a um dos gabinetes, achava-se escancarada e no limiar *o homem-féra*, tinto em sangue, olhava ameaçador para os recém-chegados”.

Os impasses da razão, apontados no decorrer da narrativa, e a síntese impossível e/ou indesejável do monstro tornam-se espectros do devir: a configuração da selva em sertão, ou da floresta em roça ou deserto; a implantação, em nome do progresso e da ciência, da biopolítica; a intervenção do inorgânico no orgânico, apontando para enxertos, próteses e transplantes de toda a ordem, e ainda, na esfera cultural, a demanda incontornável das diferenças. Pelos descaminhos da ficção e da crítica, encontra-se o monstro, híbrido de homem-animal, com o próprio cientista, em seus desvarios; ambos no laboratório, gabinete de maravilhas, onde criador e criatura, com arestas cubistas, compõem um pensamento paradoxal a respeito da modernidade.

## Uma história inédita, mas costumeira

*Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues\**

A história *O Homem-Féa* de Ignezil Penna Marinho não chegou a ser publicada, portanto não sabemos qual seria sua verdadeira aceitação pelo público de sua época, nos anos 30-40 do século XX. No entanto, seu conteúdo contém em essência algumas idéias semelhantes àquelas encontradas em diversas obras de grande sucesso desde então, especialmente nos meios de comunicação de massa, como os quadrinhos, o cinema e hoje a televisão.

A história se resume ao “médico” que se isola para alcançar obsessivamente uma determinada descoberta científica que deverá estarrecer o mundo. É o branco erudito auxiliado por um fiel assistente que vai para o meio da floresta Amazônica acompanhado de sua púbere filha, onde realiza “pesquisas” para descobrir como reverter a coagulação do sangue e reativar a eletricidade do cérebro, o que supostamente seria o suficiente para ressuscitar um ser humano. Cercado por habitantes “nativos” brutos e supersticiosos, acaba por aplicar suas “descobertas” em um ra-

---

\* É médico e professor Titular de Fisiologia do Exercício na UFMG. Credenciado como orientador de mestrado e doutorado nos programas de Pós-Graduação em Ciências do Esporte (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) e Ciências Aplicadas à Saúde do Adulto (Faculdade de Medicina) da UFMG.

paz vítima de uma picada mortal de cobra, transplantando nele o coração de um tigre, o qual era objeto de grande amor da filha do médico, o que despertava os ciúmes do assistente que, por sua vez, também era enamorado pela jovem. O procedimento é um sucesso relativo, pois o rapaz recupera sua vida, mas sem a fala humana, e conserva no coração transplantado a paixão original do doador pela moça. A relação entre os dois progride até o inevitável relacionamento sexual da moça com o homem-féa. Diante do sangue resultante do defloramento, o transplantado recupera seus instintos selvagens e mata a moça e o assistente que tenta salvá-la. As tentativas de captura do “homem-féa” são infrutíferas, e o médico termina internado num manicômio e o transplantado desaparece na selva amazônica. A conclusão é de que se perdeu a mais notável das descobertas científicas: o homem dando vida ao homem.

Hoje, é provável que a maioria das pessoas já tenha visto mais de uma história parecida com esta em aventuras de filmes para adolescentes na televisão, em histórias em quadrinhos ou mesmo em livros de ficção científica de segunda qualidade. É justamente por essa semelhança com histórias conhecidas que vale a pena comentar o texto de Igenesil, por ele estar impregnado do senso comum observado na cultura de massa sobre a ciência e os cientistas.

É importante lembrar que ele foi escrito antes do genocídio nazista nos campos de concentração, quando a humanidade ainda não havia se apercebido da necessidade de um controle ético sobre as pesquisas científicas, o que resultou nos consensos do pós-guerra fundadores dos comitês de ética contemporâneos. Se hoje é inaceitável na comunidade acadêmica que alguém faça pesquisa no fundo do seu quintal sem qualquer tipo de controle institucional, na época em que *O Homem-Féra* foi escrito admitia-se que alguém se intitulasse cientista e saísse experimentando suas idéias em animais e mesmo em seres humanos. Apesar dos avanços éticos na comunidade científica, a sociedade leiga como um todo ainda crê que é possível fazer ciência de forma voluntária, individual e desvinculada de instituições submetidas ao controle ético.

O texto de Igenesil vai além da caricatura do cientista da época, pois traz também uma mensagem moralista a respeito da ciência, que ainda tem ecos no presente: - Vejam o que acontece com aqueles que ousam se passarem por deus: os homens que tentam dar vida ao próprio homem enlouquecem! Qualquer um que acompanhe os debates atuais sobre os experimentos genéticos, a clonagem, a inseminação artificial e mesmo o transplante de órgãos pode localizar a origem religiosa por trás da preocupação: não podem ser alterados os supostos desígnios divinos. Se há re-

ligiões que não permitem sequer a transfusão de sangue, compreende-se que a possibilidade de interferência científica na genética soe como uma atitude errada para a maioria das pessoas com algum tipo de crença religiosa, ou seja, para 98% da humanidade. Assim, se *O Homem-Féra* houvesse sido publicado é possível que recebesse o aplauso de muitas pessoas quanto às suas idéias, independentemente de sua medíocre qualidade literária.

Curiosamente, o autor parece ter alguma familiaridade com certos termos relacionados à fisiologia muscular, quando comenta o “ácido sarcolático” e a “miosina”. Apesar de seus conceitos serem inaplicáveis do ponto de vista fisiológico, esse recurso literário demonstra o esforço típico dos críticos superficiais da ciência que buscam se apropriarem de termos “científicos” e impressionarem seus leitores para que eles lhes deem crédito na hora de suas enviesadas conclusões moralistas. Por exemplo, basta-me ouvir alguém falar que a Física Quântica explica isto ou aquilo, que desconfio estar diante de alguém com uma visão superficial da ciência, provavelmente um leitor de revistas que se intitulam “superinteressantes” e posam de publicações científicas.

A relevância em resgatar-se e debater esta obra de Igenesil está em denunciarmos a ausência de princípios éticos nos procedimentos científicos de antes

da Segunda Guerra Mundial e em lembrarmos que hoje é inadmissível chamar de científica qualquer pesquisa realizada de forma individual, que não tenha sido submetida a um comitê de ética e que não esteja sob controle público.

Finalmente, é preciso registrar que persiste entre nós o preconceito de que o cientista é um ser ambicioso, meio maluco e que quer dominar o mundo: uma herança cultural do Frankenstein do século XIX, provavelmente. E todo preconceito se transmite de forma virulenta como senso comum, pois nos parece perfeitamente lógico e coerente. Parece, apenas.



# Inezil Penna Marinho

## Cientista, Filósofo, Literato

*Victor Andrade de Melo\**

### Introdução

*“Meu ideal é, pois bem diferente  
Não quero de riquezas o esplendor,  
Sou apenas um pobre sonhador  
A aspirar uma luz fulgente”*

Inezil Penna Marinho, 1939.

Compromissos profissionais (necessários) me constroem de dizer o que não tenho mais dúvidas: Inezil Penna Marinho é o mais importante intelectual da Educação Física brasileira no século XX. Não caberiam aos historiadores julgamentos tão peremptórios. Para manter uma postura de equilíbrio que se espera dos pesquisadores, relativizo: ele é certamente um dos mais importantes intelectuais da Educação Física brasileira (bem entendido fique que, no fundo, acho “o mais importante”, mas deixemos isso para lá e sigamos em frente). É também um dos grandes edu-

---

\* Professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada/ IFCS, na Escola de Educação Física e Desportos e no Programa Avançado de Cultura Contemporânea.

cadores desse país, não sendo mais difusamente reconhecido provavelmente por sua filiação profissional (afinal, ainda está longe o dia em que um pensador ligado a áreas tidas como menores, como é o caso da Educação Física, será aceito no panteão dos notáveis).

Sua produção acadêmica e suas realizações profissionais já são mais conhecidas pelos esforços entabulados por um ou outro pesquisador (entre os quais esse que escreve e os colegas Amarílio Ferreira, Célia Nascimento e Silvana Goellner, entre outros). Já sua obra literária tem mesmo sido menos discutida, uma lacuna a ser preenchida se quisermos compreender melhor a genealogia do pensamento desse importante educador.

Inezil constantemente defendeu e demonstrou a ideia de que um intelectual pleno não se pode forjar somente com as contribuições da ciência, mas também da filosofia e das artes. Desde a juventude envolvido com a literatura, inclusive tendo sido premiado em alguns concursos (como no Prêmio de Literatura da Academia de Ciências e Letras de 1933, com o poema *Tetrólogo dos Cavalheiros do Apocalipse*)<sup>29</sup>, de suas mais de 90 obras publicadas em vida, cerca

---

<sup>29</sup> Inezil é um dos verbetes do Dicionário Biobibliográfico Regional do Brasil, de Mário Ribeiro Martins, disponível no site [www.usinadeletras.com.br](http://www.usinadeletras.com.br). Esse autor lembra que fora também verbete no Dicionário de Escritores de Brasília, de Napoleão Valadares e lamenta não que não seja mais referenciado em outros estudos brasileiros dessa natureza.

de uma dezena são de produção literária, entre as quais *Um Romance de Amor* (novela, 1931), *Manon* (novela, 1933), *Um Amor Trágico* (romance, 1938), *Lanterna Chinesa* (contos, 1934-1938), *Fatos da Vida Real* (crônicas, 1937-1938), *Castália* (poesia, 1932-1938), *Linhas Retas* (poesias cubistas, nas palavras do autor, 1932-1938) e *O Homem-Fera*, um romance (com cara de conto) que escreveu entre os anos de 1933-1938, quando tinha em torno de 20 anos (nasceu em 1915), material que os organizadores desse livro agora nos brindam de volta, honrando-me com o convite para comentá-lo.

Primeiro impulso: situar o romance na trajetória intelectual de Inezil. Ideia abandonada: trairia a própria natureza (estética) do objeto que tenho em mãos. Segundo impulso: analisar a obra puramente do ponto de vista literário. Ideia também abandonada: seria pouco ambicioso para a compreensão da sistematização de seu pensamento. Decisão: tentar cruzar as duas dimensões acima, buscando discutir o quê do olhar do autor em seu romance tem interface com sua produção acadêmica e com sua sintonia com as dimensões culturais de seu tempo. Se bem-sucedido esse esforço, teríamos inclusive possibilidade de lançar uma luz sobre sua compreensão da área de Educação Física, em que começava na época a atuar, a partir das inquietações que lhe moviam. Captaríamos, nos termos koselleckianos, o “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas”.

Vejamos se será bem-sucedido esse esforço.

## Frankenstein

Não conseguirão minhas súplicas que tenhas piedade de sua criatura, que suplica sua compaixão e bondade? Crê Frankenstein: eu era bom; meu espírito estava cheio de amor e humanidade, mas estou só, horrivelmente só. Você, meu criador, me odeia. Que posso esperar daqueles que nada me devem? Odeiam-me e me rechaçam.

(...)

As desertas montanhas e desolados glaciares são meu refúgio. Vaguei por eles muitos dias. As geladas cavernas, as quais somente eu não temo, são minha morada, a única que o homem não me nega. Bendigo essas desoladas paragens, pois são comigo mais amáveis que os de tua espécie. Se a humanidade conhecesse minha existência faria o mesmo que tu, armar-se-ia contra mim. Por acaso não é lógico que odeie a quem me aborrece?

(...)

As leis humanas permitem que os culpados, por malvados que sejam, falem em defesa própria antes de ser condenados. Escuta-me Frankenstein. Acusa-me de assassinato e sem dúvida destruirias, com a consciência tranquila, sua própria criatura. Louvada seja a eterna justiça dos homens! Mas não peço que me perdoes; escuta-me e logo, se podes e se queres, destrói a obra que criaste com as suas próprias mãos.

(...)

Assim, os livrarei da visão que os aborrece. Mas ainda poderás seguir me escutando, e dá-me vossa compaixão. O exijo, em nome das virtudes que uma vez possuí.

(Extratos de *Frankenstein*, de Mary Shelley)

Quais são os limites da ciência, essa na época nova forma de conceber a produção do conhecimento que, depois de uma longa trajetória, no século XIX, na esteira do Iluminismo e da série de mudanças que marca a modernidade, se afirma como símbolo dos novos tempos substituindo a religião como dimensão central que concede parâmetros para a vida em sociedade (ela mesma quase se constituindo em outra religião)? É possível recriar a vida humana? Que dramas éticos se apresentam para os seres humanos que comecem a muito rapidamente perceber que “o mundo está de ponta-cabeça” (na bela expressão tão bem usada por Christopher Hill), que “tudo que é sólido desmancha no ar” (expressão de Marx consagrada por Marshall Berman)?

“O amanhã jamais igualará o ontem; Nada, exceto o mutável, pode perdurar”: ainda que surpreendente, estava atendida com seu tempo a jovem Mary Shelley (21 anos) quando em 1818 lançou *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*. A filha de filósofos (o político William Godwin e a feminista Mary Wollstonecraft), leitora contumaz do poeta ro-

mântico William Wordsworth, que teve acesso a uma rica educação de cunho claramente liberal e uma vida marcada por tragédias pessoais, ecoava as dúvidas de seu tempo, que não poucas vezes transitavam entre a euforia e a angústia.

Com características góticas e românticas (arranjo comum no século XIX, especialmente no âmbito do ultrarromantismo), *Frankenstein* é considerada a primeira obra de ficção científica da história, tornando-se uma das mais marcantes e influentes dos tempos modernos: muitas serão as releituras (no teatro, no rádio, no cinema, na literatura, na televisão, nos quadrinhos) inspiradas na história do pesquisador que praticamente sozinho consegue recriar a vida humana em seu laboratório.

*Frankenstein* dramatiza o clima de valorização da ciência, a ambição extremada pelo conhecimento, a determinação obsessiva por resultados, a transição nunca completa entre a culpa cristã (que marca de forma complexa a sociedade ocidental, inclusive a formação da burguesia, como nos lembra Weber em seu clássico “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”) e o progresso científico, o embate moderno entre Deus e o homem (que tanto ocupou espaço na reflexão de Nietzsche), entre a natureza e a sua manipulação racional: ao simular o papel divino de criador, pode o homem se relacionar com

sua criatura? Terá paz? Se roubarmos o segredo do fogo de Zeus, não estaríamos incorrendo em erro grave, passível de punição tal qual o fora Prometeu? Como conclama Victor (o médico Frankenstein) em certo momento:

Aprenda, se não pelos meus preceitos, pelo menos por meu exemplo, o perigo que representa a assimilação indiscriminada da ciência, e quanto é mais feliz o homem para quem o mundo não vai além do ambiente cotidiano, do que aquele que aspira(sic) tornar-se maior do que sua natureza lhe permite.

Ao contrário de outros romances góticos, o que está em cena não são os aspectos espirituais, mas as dimensões psicológicas e sociais (sinal dos novos tempos, de desencantamento com o mundo, fazendo uso da máxima weberiana). Não surpreende, portanto, que juntamente com o tema central, outros afeitos às ambiguidades da modernidade permeiem a trama que transita entre a aventura e o horror. As péssimas condições sociais são metaforizadas na figura da “criatura”, que foge e reage aos enormes preconceitos que o cercam; a ciência tentando controlar a “massa amorfa” que cresce e assusta (as classes perigosas), que, ao contrário de ajustar-se, aprende e revolta-se. Alguns autores também já observaram o conto pelo viés de uma crítica feminista, o embate entre a ciência masculina e a natureza feminina, algo exponenciado pelos papéis desempenhados por homens e mulheres na

trama. Podemos também ver uma crítica a uma lógica de trabalho que se constituía no aparte completo das outras dimensões da vida, algo típico da própria construção da sociedade industrial e do capitalismo (como não lembrar Thompson em sua reflexão sobre a necessidade de reaprender as “artes de viver” perdidas com a Revolução Industrial).

A inquietude que instaura o conto de Shelley é menos uma afronta à ciência a partir de um olhar religioso do que um libelo humanista (e não custa citar que o romantismo recupera uma representação da antiga Grécia, uma releitura de antigos valores à luz do ecletismo que marca o século XIX) que antecipa preocupações comuns no decorrer desse século e nas décadas iniciais do século XX (lembramos de Chaplin e sua crítica à indústria na era da linha de produção: “Não sois máquina, homem é que sois”). Aliás, devemos recordar que a sensibilidade romântica não se estabeleceu como contraponto ao desenvolvimento científico, antes a tensionou e apresentou novas questões.

O homem-fera: uma “criatura” brasileira.

Assim como os sucessores Doutor Jekyll<sup>30</sup> e Doutor Moreau<sup>31</sup>, Inezil Penna Marinho relê a saga de Victor Frankenstein e sua “criatura” na história do Dr. Hildebrando Martins e sua criação: o homem-fera. O diálogo com a obra de Shelley é explícito em vários momentos, para além do óbvio tema.

Em seu romance gótico-romântico-tropical-juvenil (um delicioso texto; aliás, como tive acesso a uma versão ainda não final, foi possível ver o cuidado do autor em buscar a palavra correta, a melhor expressão, a narrativa precisa; o cuidado do material algo contumaz também na produção acadêmica do autor), Inezil narra a história do Dr. Martins, brilhante médico formado pela Universidade do Rio de Janeiro, especialista em Microbiologia, Anatomia e Cirurgia, que cria um centro de experiências nos recônditos da Amazônia, depois de viver um episódio trágico: a morte da esposa ao dar a luz a sua única filha, Josina, que juntamente com seu assistente Heitor eram os únicos não nativos a viver em plena selva, com condição confortável, pois o médico criara um verdadeiro mundo à parte naqueles recantos, uma forma e fuga de sua condição existencial.

---

<sup>30</sup>. O Médico e o Monstro, de Robert Louis Stevenson (1886).

<sup>31</sup>. A Ilha do Dr. Moreau, de H. G. Wells (1896).

A expressão máxima da natureza, típica do romantismo, fica clara na ambientação na floresta Amazônica, na forma de narrar os desafios naturais locais, nas figuras de linguagem utilizadas, na escrita extremamente sensória e marcada por não poucas hipérboles; há ainda claras influências do orientalismo e do exotismo: o animal que vai desencadear a trama é um tigre (chamado de Rajah, clara referência à Índia), transportado nos porões do Itaubá, “um dos maiores navios que cruzavam as águas amazônicas”.

Sabemos que o Dr. Hildebrando já vinha fazendo experiências de troca de órgãos com pequenos animais, experimentos com a eletricidade e desenvolvendo elementos químicos para recuperar o sangue (a seiva vital) e vinha-se preparando para sua grande descoberta: recriar a vida humana – impossível maior paralelo com a obra inglesa.

A chegada do tigre, expressão da natureza selvagem em meio ao simulacro de civilização que se criara em meio a outra natureza selvagem de padrão distinto, desestabiliza aquela aparente placidez. Josina se afeiçoa profundamente ao animal (estaria Inezil supondo tratar-se da paixão entre duas personalidades indomáveis, seguindo os caminhos críticos apontados por Shelley?); Heitor desenvolve um ódio pelo bicho, depois de desprezado pela filha do médico após ter declarado seu amor; Hildebrando, o típico cientis-

ta alheio a tudo (inclusive aos desejos da filha, o que o leva a buscar afastá-la do exótico animal, certo de que esse será em breve sacrificado) media a reação de ambos, interessado somente em seu experimento; os nativos que habitam a ilha, perplexos acompanham os fatos (o cientista era tido como bruxo, saci, vendido ao diabo).

Inezil procura descrever minuciosamente os procedimentos científicos adotados por Martins e Heitor (isso fica claro inclusive em suas observações manuscritas; esses são os momentos em que recria o ambiente noturno dos laboratórios), inclusive quando surge a grande oportunidade de o médico executar sua grande experiência: a morte do capataz Jacy (palavra indígena que significa “mãe dos frutos”), mordido por uma cobra (de novo a cruel natureza), providenciou o corpo humano que precisava para transplantar a vida do animal. Depois de dias incansáveis de trabalho, o sucesso: o caboclo revivera com o coração da fera.

Algo, contudo, não se passou exatamente como pensara o médico: a criatura renascida não era mais exatamente humana, mas um misto com a personalidade do animal, cuja agressividade se manifestava quando via sangue. Ao contrário da criatura do livro de Shelley, o homem-fera sequer falava (e jamais discutira com seu criador, apenas agira, colocando-o em

desespero), somente soltava grunhidos terríveis nessas ocasiões limítrofes (não devemos deixar de citar que é uma tradição de religiosidades indígenas a transmutação de homens em animais). De qualquer forma, como a “criatura” de Victor, ele foi aprendendo coisas, se “civilizando”, graças ao carinho, dedicação e amor de Josina, que se acaba materializando em uma relação sexual, a primeira da jovem: o encontro entre as feras rompe o ascético círculo da ciência.

É esse encontro íntimo que vai apresentar os limites e pôr abaixo a experiência científica, como, aliás, previra o médico: quando Heitor já partia para comunicar ao mundo a grande descoberta de Martins, a visão do sangue que marcara a concretização do intercurso sexual que deveria servir para celebrar a paixão entre Josina e Jacy, recupera no homem-fera sua porção animal. O fim é trágico: Josina e Heitor mortos, Martins louco (o que é pior do que a morte para alguém que sempre só acreditou na razão), de uma tropa de homens que tentaram matar a fera, alguns morreram e outros ficaram para sempre perdidos na mata.

O desfecho da trama é o pior possível: o que era a grande descoberta científica serviu para fazer surgir lendas de assombração, nada mais se ouviu falar do homem-fera, o Dr. Martins passou para a história como louco, jamais como gênio. A natureza se vingara enfim: a criatura destruiu o criador.

O homem-fera: temas constantes na obra de Inezil<sup>32</sup>

Como Shelley, de forma nenhuma *O Homem-Fera* expressa a descrença de Inezil na ciência ou na sua filiação a qualquer pregação religiosa; é antes o reflexo de um jovem que se tornaria um humanista (para ser mais preciso, diria um humanista secular): propugnando para a área de Educação Física (e depois para a área de Direito) e demonstrando concretamente em sua vida que filosofia, ciência e arte devem dialogar todo tempo. Essa é uma clara marca em sua multifacetada produção e é denotada expressamente em um de seus últimos textos, “Educação Física, Filosofia, Ciência e Arte”, palestra proferida em 1980, recuperada por Silvana Goellner.

Esse olhar humanista é claramente perceptível, por exemplo, nas suas propostas para o estudo da História da Educação Física e do Esporte, expressas em muitos momentos e claramente por ocasião de sua aprovação para catedrático na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1957), não só em sua tese (Interpretação Histórica da XIV Olímpica de Píndaro), como em seu discurso de posse, quando afirma que pretende a contratação de um tradutor de línguas clássicas (grego e latim), a aquisição de mapas do mundo antigo e

---

<sup>32</sup> Para uma discussão ampliada das discussões abaixo, ver meu artigo “Inezil Penna Marinho: notas biográficas, disponível no livro “Pesquisa História na Educação Física 3”, organizado por Amarílio Ferreira Neto

a criação de um Museu de História, deixando claro seu olhar distinto sobre a importância da disciplina:

O importante no estudo da História, não é a memorização de fatos e datas, não é a fixação daquilo que os compêndios formalizaram e, algumas vezes, até padronizaram. Como professor de História desejo suscitar em meus alunos o interesse que os leve à investigação dos fatos, ao aproveitamento das experiências por outros povos, à interpretação consciente dos dados oferecidos à sua razão.

Seu humanismo também é claramente observável na sua relação com a Filosofia. Marinho parece não compreender o desenvolvimento de uma Educação Física que não fosse fundada em uma matriz filosófica clara. Para ele, mesmo as questões ligadas à didática/pedagogia tinham uma denotada raiz filosófica. Aliás, fundamentalmente as compreensões para a Educação Física estariam na história da Filosofia. Foi também por esse viés que se tornou um dos pioneiros na área a aproximar-se da Psicologia e da Sociologia.

É também a sua preocupação com os seres humanos que o leva a dedicar-se ao estudo da Recreação: crítico das péssimas condições de vida a que estavam submetidas as pessoas, via-a como instrumento para reduzir as mazelas do “mundo moderno”. Esse olhar estava também diretamente ligado à sua compreensão de Educação Física.

Desde a década de 1940, Inezil vinha criticando a adoção do método francês e sugerindo a necessidade de elaborar um método brasileiro a partir de um conceito de Educação Física ampliado. Esse ponto em especial nos interessa nesse ensaio, por ter relação direta com o seu romance: o debate com o médico João Peregrino Júnior, uma dos mais prestigiados professores da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, figura que angariava grande respeitabilidade intelectual, membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras.

A influência da área biomédica durante muitos anos foi (e podemos até dizer que, em alguns casos, tem sido) marcante e importante para o desenvolvimento da Educação Física brasileira: desde as teses produzidas sobre o assunto nas faculdades de Medicina no século XIX, passando pelo papel que os médicos ocuparam como normatizadores das atividades físicas e até mesmo sua influência e poder no interior das escolas de Educação Física.

A despeito da importância de suas contribuições, o poder dos médicos era de tal forma superdimensionado, devido fundamentalmente ao seu *status* científico, que isso muitas vezes significou a restrição de possibilidades de participação e o relegar a segundo plano das posições daqueles que eram originários dos cursos de for-

mação em Educação Física, bem como os olhares advindos das ciências humanas e sociais.

O primeiro debate entre Inezil e Peregrino Júnior referiu-se à concepção de Educação Física. Inezil discordava frontalmente do conceito anátomo-fisiológico corrente entre os médicos, por julgá-lo limitado, e defendia, por meio de artigos publicados em periódicos e em palestras diversas, um conceito bio-sócio-filosófico, no qual o prazer, o desenvolvimento integral e o aspecto educacional ficassem sempre ressaltados (depois Inezil ampliaria esse conceito para bio-sócio-psico-filosófico e posteriormente para bio-sócio-psico-histórico-filosófico).

O grande debate se deu por ocasião das discussões acerca dos “grupamentos homogêneos” nas aulas de Educação Física, isto é, como montar turmas de Educação Física de forma que todos pudessem ter acesso à mesma intensidade de atividades? Esse foi um dos assuntos mais frequentemente discutidos na época, chegando a mobilizar o I Congresso Pan-Americano de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro. A diferença de posições entre os dois foi fartamente publicada nos periódicos da época, uma série de respostas e contrarrespostas, réplicas e trélicas.

Penso que Peregrino Júnior não esperava uma reação tão categórica como a de Inezil, que fez uso de

sua erudição para argumentar que a proposta do médico era ultrapassada e somente aplicável em laboratórios. Sem negar que o que estava por trás desse debate era mais do que pontos de vista diferentes advindos de diferenciadas perspectivas teóricas, mas sim o delinear de descontentamentos relativos às estruturas de poder, não há como deixar de considerar que o destacado humanismo de Inezil marcava sua posição: seria absurdo afirmar que a sua grande preocupação tenha sido, no fundo, que a área se desenvolvesse de forma a contribuir para o surgimento de homens-fera? Creio que não.

“Só para não dizer que não falei de flores”

Se a história tem algo de lição (de novo recupero em Koselleck a ideia de que o historiador, sob o risco de decretar sua insignificância, não pode abandonar essa dimensão, ainda que tenha que a usar com parcimônia), creio que poderíamos buscar algo do romance de Inezil (e da própria trajetória do autor) para pensar os dias de hoje. Que bela lição é a sua vida em tempos em que os mecanismos de avaliação adotados pela área de Educação Física nas agências de fomento parecem odiar os livros, renegar ações ligadas a uma formação mais ampla e propugnar a imbecilidade técnico-burocrático como único parâmetro de julgamento.

Acho mesmo que os dirigentes responsáveis pelos destinos da área deveriam ler *O Homem-Fera*: talvez se deem conta de que a criatura que estão montando em seus laboratórios pode, a qualquer momento, voltar-se contra eles. Ao expulsar o lado selvagem (e sensível) da área, não percebem que nada lhes restará, porque também não se sustentam sem aquele. Será que estamos próximos a ver enlouquecidos martins saírem internados dos corredores ascéticos de Brasília?

Se a leitura do romance para nada disso servir, que apenas os divirta: só isso bastaria para termos intelectuais menos “Heitor”, o personagem auxiliar que vive eternamente à sombra, cultivando o sonho de ser o que jamais poderá.



Impresso pela Gráfica e Editora Gênese.